



1290001298



FE

TCC/UNICAMP R229o

5847485

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Taciana Saciloto Real

Onde estão as borboletas?

Contar histórias na pré-escola e a imaginação das
crianças.

Campinas

2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Taciana Saciloto Real

Onde estão as borboletas?

Contar histórias na pré-escola e a imaginação das
crianças.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado por exigência parcial para
conclusão do curso de graduação em
Pedagogia da Faculdade de
Educação/Unicamp, sob orientação da
Professora Dr^a. Ana Lucia Goulart de Faria.

Campinas

2004

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TOC/UNICAMP
	2298
V:	EX:
TOMBO:	1298
PROC.:	1141/2004
C:	D: X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	29/10/04
Nº CPD:	1141/2004

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

R2290 Real, Taciana Saciloto.
Onde estão as borboletas : contar histórias na pré - escola e a imaginação das crianças / Taciana Saciloto Real. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ana Lúcia Goulart de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação infantil. 2. Imaginário. 3. Contar história. 4. Lúdico. 5. Crianças. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-113-BFE

Banca Examinadora

Orientadora: Profª Dra.: Ana Lúcia Goulart
de Faria

2ª Leitora: Profª Dra.: Norma Sandra de
Almeida Ferreira

Agradecimentos:

À Deus que iluminou o meu caminho em mais uma conquista.

À minha mãe, Luzia, e ao meu pai, Pedro, que sempre me incentivaram a estudar dando oportunidades e se esforçando muito para que isso acontecesse, sempre ajudando nas dificuldades enfrentadas e dando força para a dura caminhada.

Ao Júnior, que sempre ouviu minhas lamentações dando atenção e incentivo, sempre prestativo ajudando-me nos momentos de dificuldades e em todos os momentos esteve ao meu lado dando forças, tanto na realização desse trabalho como durante todo o curso.

Às minhas irmãs Tacilaine e Tacimara pelo incentivo e pela força.

À Professora Ana Lúcia quem orientou este trabalho com dedicação e sabedoria contribuindo com a minha formação, com a elaboração desse trabalho e com uma nova visão da Educação Infantil.

À Professora Norma que aceitou ser a segunda leitora e muito contribuiu com a finalização desse trabalho.

Aos professores da Faculdade de Educação que foram elementos essenciais a minha formação.

À equipe da Cemei e as professoras que permitiram a pesquisa, a coleta de dados e contribuíram respondendo as entrevistas.

Às crianças que com suas imaginações, curiosidades e naturidade permitiram a coleta de dados e realização da pesquisa.

Às amigas do curso de Pedagogia que sempre me ajudaram quando necessário.

À todas e todos meu muito obrigado!!!

O homem da orelha verde

Um dia num campo de ovelhas
Vi um homem de verdes orelhas

Ele era bem velho, bastante idade tinha
Só sua orelha ficara verdinha

Sentei-me então ao seu lado
A fim de ver melhor, com cuidado

Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade
de uma orelha tão verde, qual a utilidade?

Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda
De um menininho tenho a orelha ainda

É uma orelha-criança que me ajuda a compreender
O que os grandes não querem mais entender

Ouçõ a voz de pedras e passarinhos
Nuvens passando, cascatas e riachinhos

Das conversas de crianças, obscuras ao adulto
Compreendendo sem dificuldade o sentido oculto

Foi o que o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas.

Gianni Rodari

Resumo

✧ Este trabalho refere-se à pesquisa de um estudo de caso realizada com crianças de quatro a seis anos de idade em uma Cemei do Município de Campinas. Nele pretende-se comprovar através dos dados coletados no cotidiano da Cemei e dos autores estudados como se dão as atividades de contar histórias na pré-escola e como as crianças expressão sua imaginação.

Esse estudo será baseado em autores que defendem uma pedagogia que acredita na criança, enquanto um ser capaz de produzir cultura e em uma pré-escola que valoriza a infância e respeita os direitos da criança de ser criança, de brincar, de expressar suas curiosidades, de descobrir o mundo em que vive e de expressar seu imaginário.

✧ A pesquisa mostra a importância de momentos lúdicos e do próprio momento de contação de histórias na pré-escola e como tais momentos são importantes para a formação de crianças felizes, críticas e autônomas. Mostra também que o ato de contar história é freqüente no cotidiano e é algo prazeroso tanto para quem conta, no caso, os adultos, professores, monitores e contadores de histórias, tanto para quem ouve, as crianças ou o próprio adulto.

Nesse contexto a contação de história é um momento lúdico, que permite a expressão dos sentimentos das crianças e de sua imaginação; é um momento muito rico para a expressão da imaginação. O trabalho discute ainda a imaginação também é discutida como algo essencial à vida de todos os seres humanos e que está presente na pré-escola, sendo importante para a construção do real e não algo que é ao contrário do real.

Sumário

1. Introdução	01
2. Procedimentos de pesquisa	06
3. Caracterização da Cemei pesquisada	15
4. Professora, conta uma história sem livro?	
A importância de contar histórias na Educação Infantil	20
5. Era a professora!!!	33
6. Ele não morde, não é?	39
7. O gigante que virou bola de fogo: O imaginário e o desenho após as histórias	46
7.1 Os desenhos	51
8. Contar histórias por prazer ou obrigação: Como se dá essa relação entre os profissionais da Educação Infantil	58
9. Considerações Finais	67
Bibliografia	77
Anexos	81
I. Poesia: João e Maria	82
II. Planta do espaço físico da Cemei	84
III. Roteiro de entrevista com as professoras	85
IV. Roteiro de entrevista com uma contadora de história	86
V. Transcrição da entrevista com a contadora de histórias	87
VI. Parecer do Segundo leitor	97

1. Introdução

Ao contrário, as cem existem.

A criança
é feita de cem.
A criança tem
cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
as maravilhas de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir.
Cem mundos
para inventar.
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagem
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe
de pensar sem as mãos
de fazer sem cabeça

de escutar e não falar
de compreender sem alegrias
de amar e maravilhar-se
só na páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.

Dizem-lhe:
que as cem não existem
a criança diz: ao contrário,
as cem existem

Loris Malaguzzi
(in: Edwards , 1999)

A presente pesquisa refere-se ao trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, sob orientação da Professora Dr^a Ana Lucia Goulart de Faria.

Nesse trabalho foi realizada uma pesquisa sobre: a importância do contar histórias na Educação Infantil¹ de forma lúdica e prazerosa possibilitando a imaginação das crianças.

Sabe-se que contar histórias é algo presente na Educação Infantil, isso será mostrado através da pesquisa, das entrevistas e das bibliografias pesquisadas. Girardello (2003) em seu trabalho escreve² sobre a narração de histórias e as crianças pequenas e sobre a presença dessa atividade nas creches e pré-escolas:

A atividade de contar histórias é presença cotidiana nas creches e pré-escolas, sendo ela corretamente atribuído ao incentivo à imaginação e a leitura, a ampliação do repertório cultural das crianças e a criação de referenciais importantes ao desenvolvimento subjetivo.

Nesse trabalho foi pesquisado o contar histórias na Educação Infantil para as crianças de quatro a seis anos, visando a contação de história como uma atividade lúdica e prazerosa para as crianças, que estimula a imaginação e a criatividade infantil. Atividade que não pode ser considerada um passa tempo, e sim valorizada pela sua importância, é o que foi analisado ao longo desse trabalho através dos dados coletados.

¹ A Educação Infantil, segundo a Lei de Diretrizes e bases da Educação 9394/96, faz parte da Educação Básica atendendo as crianças de zero a seis anos, sendo o atendimento de zero a três anos em creches e de quatro a seis em pré-escolas.

² Trabalho Apresentado na 26^o Reunião Anual da Anped. GT Educação das crianças de 0 a 6 anos, 2003.

Todos os capítulos desse trabalho cotam com dados analisados, com trechos transcritos do Caderno de Campo, isto significa que a pesquisa envolverá o cotidiano de pré-escola de crianças de quatro a seis anos em uma Cemei³ da Rede Municipal de Campinas. Estes episódios que são as falas das crianças estarão em destaque em Letra: *monotype Corsiva 12*; pautados em citações bibliográficas destacadas em *itálicos* ou idéias de autores da bibliográfica lida em letra: Times New Roman 12.

Na epígrafe, no início do primeiro capítulo e no anexo, encontram-se algumas poesias que traz o imaginário dos adultos quando eram crianças e leva o leitor a refletir e imaginar.

O título do trabalho é a fala de uma criança no final de maio de 2004, quando este trabalho já estava quase pronto e a professora responsável pelo projeto biblioteca contou a história “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha, para todas as turmas da Cemei, com borboletas feitas de papel dobradura, cola colorida e vareta. No dia seguinte encontrou uma criança no corredor que olhou e perguntou: - Onde tá as borboleta? Resolvi colocar a frase como título, pois, além do trabalho todo mostrar a importância da fala das crianças, a frase chama atenção do leitor, despertando sua curiosidade e imaginário: “Onde estão as borboletas?”

O trabalho está organizado em oito capítulos além dessa introdução e um anexo que conta com a planta do espaço físico da Cemei pesquisada, fotos e roteiro de entrevistas.

O capítulo 2 discute os procedimentos de pesquisa utilizados no trabalho.

O capítulo 3, “Caracterização da Cemei” relata através de dados coletados e observados um pouco do espaço onde foi realizada a pesquisa, como também um pouco da política de Educação Infantil.

³ Cemei: Centro Municipal de Educação Infantil.

O capítulo 4, “Professora, conta uma história sem livro? A importância de contar histórias na Educação Infantil” mostra através de episódios, o quanto as crianças gostam de ouvir histórias e discute através de vários autores o quanto é importante ouvir uma história.

O quinto capítulo, “Era a professora!!!”, ocorre a discussão sobre o imaginário e a reação das crianças enquanto ouvem histórias, discute um pouco das definições de imaginação discutidas pelos diversos autores, a fantasia infantil e o quanto isso é importante para todos nós, principalmente, as crianças.

O sexto, “Ele não morde, não é?”, apresenta as questões elaboradas pelas crianças a partir do ouvir histórias e do imaginário e o que isso representa para ela, destacando a importância do hábito de contar histórias e de permitir o imaginário nos espaços de Educação Infantil.

O capítulo 7, “O gigante que virou bola de fogo: O imaginário e o desenho após as histórias”, discute através de desenhos coletados junto às falas de seus autores, a relação, contar histórias, imaginação e desenho, enquanto uma criação.

O último capítulo, “Contar histórias por prazer ou obrigação: Como se dá essa relação entre os profissionais da Educação Infantil”, procura através de entrevista mostrar um pouco de como os profissionais da Educação Infantil percebem o contar histórias em sua prática e se esse momento ocorre por prazer ou obrigação.

Nas considerações finais conclui-se a pesquisa e chama a atenção para ludicidade do contar histórias e para os espaços de Educação Infantil.

Toda a bibliografia utilizada e lida está no final do trabalho. Além da bibliografia sobre imaginação, literatura infantil, contar história, foi utilizada a bibliografia de Educação Infantil de fundamental importância, já que a pesquisa é realizada com a faixa etária de quatro a seis anos.

É importante destacar e chamar à atenção dos leitores, que a bibliografia de Educação Infantil utilizada e as idéias discutidas, se refere à pedagogia que vê a criança como sujeito de direito, portadora de história e produtora de cultura. Uma pedagogia ainda desconhecida por muitos profissionais, mais que se torna cada vez mais conhecida, valorizada e inserida nas creches e pré-escolas do mundo todo.

Nessa linha de pesquisa tem se como principal direito da criança, o direito a infância, direito a brincar, direito a freqüentar creches e pré-escola, que não vise a escolarização, que respeite os direitos das crianças proporcionando o cuidar e o educar.

Segundo o Professor Miguel Arroyo (I COPEDI, out/98), a educação infantil é tempo de direito, tempo de brincar e a escola precisa ser redefinida e adaptada ao tempo real da infância, preocupando-se com o presente e entendendo como um tempo em si mesmo e não como uma preparação para o futuro. Ou seja, há que se pensar na criança concreta, real, que traz para a escola a sua história, seus sentimentos, emoções, medos, sonhos... (Currículo em construção, 1998, p.37)⁴

Ou seja, uma educação infantil, que pense na criança atual, no que ela é, no que ela sabe. É essa política de Educação Infantil, que está sendo discutida nesse trabalho.

O “Currículo em Construção” também traz essas idéias, dando a oportunidade a todas profissionais conhecer um pouco mais dessa pedagogia e até fazer dele o referencial de sua prática.

⁴ O currículo em Construção é um documento elaborado pelos profissionais de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas, em 1998.

2. A Procedimentos de pesquisa

O Mundo das Fábulas não é nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas desse livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditarem no que acreditavam.

Dona Benta⁵

O Trabalho iniciou-se com a elaboração do projeto de pesquisa na disciplina: Metodologia da Pesquisa de Ciências da Educação I e II, disciplina em que tive a oportunidade definir melhor o tema, iniciar o levantamento bibliográfico e aprender mais sobre formas de pesquisa.

O interesse pelo tema surgiu através da observação da minha prática como professora de educação infantil da Prefeitura Municipal de Campinas.

Desde que iniciei minha carreira como professora, noto o interesse das crianças por histórias e livros. Vejo a satisfação das crianças em contar histórias a um colega, a criação e a imaginação de quem ainda não lê as letras, como se espera de alguém que

⁵ (apud., Penteado, 1997, p.162)

tem um livro nas mãos; no entanto esta faz a leitura das imagens, através dos conhecimentos que possui, da história de vida e principalmente da sua leitura de mundo.

A minha inquietação aumenta ainda mais na hora em que eu conto histórias. Os olhos de cada criança mudam, alguns ouvem atentamente em silêncio, mas a cabeça mexe, os olhos brilham, as pernas mudam de posição e as mãos não param, ou seja, o corpo fala. Quando conto histórias com fantoches, parece não ser eu quem está ali, eles imaginam ser mesmo o personagem, ficam minutos e minutos fazendo perguntas ao personagem, antes e depois da história, e até durante quando a história permite. As crianças rejeitam os personagens “malvados”, batem palmas aos “bonzinhos”, lembrando, que essa característica depende de cada turma, de cada dia e das crianças que participam, mas todas têm uma concepção de um personagem bem aceito e batem palmas, ou de não aceitação e dizem: “seu chato, seu feio, seu horrível, sai daí, não gostei de você”.

Elas entram na história, se envolvem, criam situações, comentam sobre o ocorrido, comparam com sua própria vida. Eles contam segredos aos personagens, segredos que não contam à professora e talvez a ninguém, apenas ao personagem.

Quando alguém coloca uma máscara... Tudo muda. Um novo personagem surge e envolve as crianças. Umas atraem as crianças, outras causam medo. A do lobo mau, por exemplo, gera pânico, pois as crianças correm, “grudam” em um adulto de referência ou até mesmo na parede...

Com todas essas inquietações, comecei a fazer certas perguntas: O que é a imaginação? É importante para a criança? Enquanto professora como posso contar histórias de outras formas lúdicas e prazerosas possibilitando exercitar a imaginação das crianças? De que forma as histórias possibilitam a construção do imaginário das crianças? De que forma os professores podem contribuir com tal processo? Como os

professores podem contar histórias de modo a criar espaços que possibilitem a construção do imaginário de forma prazerosa e lúdica? Como trabalhar com o contar histórias dando liberdade à criação infantil, sem limitação da imaginação?

E observando mais atentamente vi que a imaginação não estava presente apenas no contar histórias e sim em toda atividade dentro da creche como na fala das crianças, na hora de desenhar, no lanche, no parque, nas brincadeiras de faz de conta, e em muitas outras situações, e inclusive nas atividades do adulto também. Quando comecei a pesquisar descobri que existem pouquíssimas pesquisas sobre o assunto. Quando se trata de contar histórias, a bibliografia diminui ainda mais.

Pensando nessas questões direcionei a minha pesquisa e o meu olhar, a fim de produzir um trabalho de reflexão a todos aqueles que trabalham com as crianças pequenas.

Já pensando em tais questões cursei a disciplina Atividades Livres com a professora Ana Lúcia Goulart de Faria. Nessa disciplina entrei em contato com o grupo de pesquisa da graduação sobre Educação Infantil e tive contato com novas bibliografias sobre imaginação e principalmente as novidades sobre Educação Infantil.

Dando continuidade ao trabalho cursei as disciplinas T.C.C I, Educação Não Escolar e Estágio Supervisionado. Na primeira continuei enriquecendo minha bibliografia com novas leituras, fichamentos e dando início à pesquisa de campo com os relatos em diário de campo. Com a segunda e a terceira, além de entrar em contato com novas bibliografias e novas discussões da Educação Infantil, ainda tive a oportunidade de entrar na Creche com um olhar de pesquisadora, diferente do olhar de professora que estava acostumada.

Na disciplina T.C.C II tive a oportunidade de finalizar a minha pesquisa.

A pesquisa pretende entender de que forma as histórias possibilitam a construção do imaginário das crianças? O que é imaginação e como ela está presente nas crianças de quatro a seis anos de idade. Qual a importância dos espaços de Educação Infantil permitirem a manifestação da imaginação e de que forma os professores podem contribuir com tal processo. Como os professores podem contar histórias de modo a criar espaços que possibilitem a construção do imaginário de forma prazerosa e lúdica? Como trabalhar com o contar histórias dando liberdade à criação infantil, sem limitação da imaginação?

Para responder a essas questões a pesquisa foi realizada numa pré-escola com crianças de quatro a seis anos de idades em uma Cemei de Campinas.

A pesquisa realizada é um estudo de caso.

Rabiti (1999) apresenta os pensamentos de Stake sobre o que é um estudo de caso:

...o que caracteriza o estudo de caso, em relação a outros métodos pesquisa é a focalização de um sistema delimitado, um bounded-system, como Stake gosta de repetir em suas aulas; o caso pode ser um sistema individual ou um sistema social, isto é, uma pessoa, uma escola, um programa, uma entidade...Este sistema deve ser estudado em seu estado natural, ou pelo menos nas condições mais naturais possíveis, portanto não em laboratório...(Rabiti, 1999, p.29)

A atual então se trata de um estudo de caso, pois se propõe a estudar as crianças de uma creche do Município de Campinas: Cemei “Maria Batrum Cury” que faz parte da rede municipal de Educação Infantil.

Ludke e André (1986) também trazem contribuições quando apresentam a idéia de Goode e Hatt (1968) dizendo que:

...O caso se destaca por se constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto incide naquilo que ele tem de único, de particular mesmo que posteriormente venham ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. (p.17)

A partir de tais autores nota-se que a pesquisa é um estudo de caso, pois se propõe a estudar uma creche única dentro de um sistema mais amplo.

O estudo de caso, segundo Ludke e André (op. cit), apresenta algumas características como: a construção do conhecimento ocorre durante o processo de pesquisa, estando sempre aberto às novas respostas que venham surgir; busca entender o contexto em que ocorre a pesquisa e retrata tal contexto; a coleta de dados ocorre em diversas situações usando variedades de fontes de informação, utiliza-se de várias idéias e pontos de vista diferentes para analisar a situação.

Durante a pesquisa estavam presentes tais características. Como destacada pelos vários autores é de extrema importância a realização da pesquisa no meio natural em que ela ocorre, por isso foi realizada a pesquisa de campo que ocorreu de Outubro de 2003 a Março de 2004. Nas observações realizadas no início de 2004 procurou-se dar destaque às crianças que chegavam à creche pela primeira vez.

A pesquisa de campo realizada é de extrema importância ao presente trabalho, pois dá a oportunidade do contato direto com a prática. Esse contato com a prática possibilita a observação e a coleta de dados diretamente das próprias crianças. Demartini (2002) fala sobre as poucas pesquisas que coletam dados das próprias crianças, sendo que a maioria das pesquisas são relatos sobre elas. Além disso, ela chama a atenção para o tipo de criança a ser pesquisada, pois os resultados podem ser diferentes se realizada com crianças isoladas ou com crianças em espaços coletivos.

Desse modo nota-se a importância de ampliação das pesquisas realizadas com crianças em espaços coletivos, já que acreditamos na importância desses espaços para elas. São nesses espaços que se tem a oportunidade de entrar em contato com a cultura produzida pelas crianças e valorizá-las cada vez mais.

No caso específico desse trabalho, somente o contato direto com as crianças poderá revelar o modo de imaginar das crianças ao ouvir história, as produções nesses momentos, as falas e suas criações, se os professores estão dando a oportunidade para que as crianças imaginem e se o contar história é um momento prazeroso.

Todos os dados relevantes à pesquisa foram registrados em diário de campo. O diário de campo é um importante instrumento de pesquisa, pois é com ele que todos os dados serão analisados posteriormente. Ele permite a reflexão e análise entre a teoria e prática, pois somente com as duas juntas, pode-se formular uma nova teoria ou novos conhecimentos que contribuirão com a própria prática.

O trabalho conta também com entrevistas com quatro professoras, com uma monitora e com a Maria Lucia Neves, contadora de história.⁶

A monitora fez parte da entrevista, pois ela é considerada a contadora de histórias da creche. Ela que sempre organiza tudo para os momentos de contação que

⁶ Vide roteiro de pesquisa em anexo.

reúne todas as crianças de todas as idades no pátio e ela era uma das contadoras de história dos episódios 5 e 6 do Capítulo 6.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de entender como os profissionais da Educação Infantil vêem a questão do contar histórias. Esses momentos ocorrem de forma prazerosa ou por obrigação? Contam histórias com frequência? As histórias contribuem com o imaginário infantil? Para isso foi elaborado um roteiro de entrevista que tinha por objetivo orientar a entrevista, orientar as questões discutidas, para que ela atendesse aos objetivos a que estavam sendo propostos. O roteiro não é algo rígido que deveria ser seguido na mesma ordem de questões, sendo apenas uma orientação. A entrevista fluiu conforme a disposição do entrevistado.

Foi utilizada a entrevista, em vez de outros instrumentos, pois o contato entre pesquisador e entrevistado revela muitas questões e o aprofundamento dessas quando de interesse do pesquisador, além disso, permite um maior entendimento de certas questões que poderiam ficar perdidas, por outros meios de coleta, como o questionário, por exemplo.

Segundo Ludke e André (op. cit) "*a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos*". (op. cit., p.34)

A entrevista com a contadora de histórias foi gravada e posteriormente transcrita. A entrevista gravada permite que todas as falas orais sejam registradas, sem perder nada. Permite também que o pesquisador dê a atenção necessária ao entrevistado. Porém tem se o cansativo trabalho da transcrição.

As entrevistas realizadas com as professoras não foram gravadas. Muitos professores não se sentem à vontade quando sabem que estão sendo gravados, além

disso, por serem cinco entrevistas o trabalho de transcrição seria muito demorada e inviável para a atual pesquisa.

Lüdke e André (op. cit) apontam vantagens e desvantagens da entrevista gravada, dizem que as entrevistas não gravadas já representam um trabalho de seleção e interpretação das informações obtidas, *“o pesquisador já vai percebendo o que é suficientemente importante para ser tomado nota e vai assinalando de alguma forma o que vem acompanhado com ênfase”* (p.37). Isso não é possível na entrevista gravada.

Rabiti (op. cit) também opta pela entrevista não gravada, em sua pesquisa e assinala algumas vantagens e desvantagens, reconhecendo perder alguns dados, nesse tipo de entrevista.

A opção por gravar a entrevista com a contadora de história é para não perder nenhum dado, nenhuma fala, pronunciada por ela, pois seus dados são muito importantes para a construção da atual pesquisa. Já no caso dos professores não foi necessário o aproveitamento de todas as falas, de todos os dados, mas sim das idéias e falas importantes expressadas. Lembrando o que tudo o que foi dito foi anotado, porém sem a riqueza dos detalhes orais da entrevista gravada. No entanto a entrevista não gravada permite as anotações de algumas expressões e reações do entrevistado, que também podem ser registradas.

Foi realizada no mês de março uma intervenção na turma de quatro anos, uma turma que a maioria das crianças está indo à creche pela primeira vez. Nessa turma foi contada uma história e em seguida foi proposto para as crianças fazerem um desenho sobre a história.

O desenho é uma forma de pesquisa que nos permite entender o imaginário infantil, que é o que pretende a pesquisa. Gobbi (2002) fala sobre o desenho como uma metodologia de pesquisa:

...O desenho infantil surge como centro de discussão; conjugados á oralidade, ele é apresentado aqui como instrumento que pode ser utilizado quando queremos conhecer mais e melhor a infância da criança pequena e bem pequena, o que ainda nos é bastante desconhecido sobre vários aspectos. (p.70)

O desenho como um instrumento de entender melhor as crianças nos trará informações sobre o imaginário infantil após ouvir histórias. Porém além dos desenhos foram registradas as falas das crianças sobre suas produções, pois sem as falas, os desenhos não podem ser usados como instrumentos e não contribuem em nada com a pesquisa. Os desenhos, juntamente com a fala, nos revelam dados sobre o imaginário e como este se manifesta durante o processo de criação.

Outras formas de registro que fizeram parte da pesquisa foram as fotografias sobre diferentes momentos de contação de histórias como: a roda, as crianças sentadas no chão contando histórias com fantoches e as crianças fantasiadas. Além dos momentos ligados às histórias, foram registrados o espaço físico da Cemei e momentos de brincadeira, como o parque e brinquedos em sala. Todas as fotos representam momentos onde o imaginário estava presente.

As fotografias permitem o leitor conhecer um pouco do local de pesquisa, o espaço físico e visual do local sendo um importante documento, quando analisados junto aos demais dados.

3. Caracterização da Cemei

A organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo etc.

(Faria, 2003, p.74)

A Cemei Maria Batrum Cury recebe crianças de quatro meses a seis anos de idade e faz parte da rede municipal de Campinas. As crianças são divididas em turmas de acordo com a idade:

Berçário 1 (B1)	4 meses a 1 ano e dois meses	Período integral – 24 bebês
Berçário 2 (B2)	1 ano e 2 meses a 2 anos	Período integral –25 crianças
Maternal 1 (M1)	2 anos a 3 anos	Período integral–30 crianças
Maternal 2 (M2)	3 anos a 4 anos	Período integral–30 crianças
Maternal 3 (M3)	4 anos	Período parcial - duas turmas de30 crianças
Infantil	5 anos	Período parcial - duas turmas de30 crianças
Pré	6 anos	Período parcial - duas turmas de30 crianças

Observa-se que a Cemei tem quatro turmas que funcionam em período integral das 7:00 às 18:00 educando as crianças de quatro meses a três anos. Há uma professora

que se reveza entre os dois berçários e outra, entre os dois maternais, durante o período da manhã. Há 16 monitoras, que ficam com as turmas nos dois períodos.

As crianças de quatro a seis anos ficam na Cemei durante quatro horas: das 07:00 às 11:00 no período da manhã e da 13:00 às 17:00 no período da tarde, sendo três turmas (Maternal 3, Infantil e Pré) em cada período. Cada turma tem apenas a professora sem monitoras ou auxiliares, com cerca de 30 crianças.

A creche tem sete professoras, uma professora contínua (que substitui as professoras quando uma delas se ausentam) e uma professora de educação especial, todas são formadas em Pedagogia ou no Magistério.

Para as monitoras não é exigida a formação superior ou no magistério, porém algumas delas têm essa formação e outras estão cursando nível superior.

Na administração há uma administradora, uma diretora, uma vice-diretora e uma orientadora pedagógica. Na limpeza há três funcionárias. As funcionárias da cozinha são terceirizadas, assim como também o funcionário da segurança.

Todas as professoras participam de reuniões semanais realizadas coletivamente os TDC (trabalho docente coletivo) e TDI (trabalho docente individual). Do TDC participam uma monitora de cada setor (de cada turma), que se revezam entre elas, pois todas têm que participar dos TDCs.

Tanto no período da manhã como no da tarde são reservados dois horários à alimentação. Logo que entram, as crianças tomam o lanche, no qual geralmente são servidos leite e bolacha, bolo ou pão. Antes de terminar o período é servido o almoço: arroz, carne, salada ou macarrão, no período da manhã e o jantar, no período da tarde, é servido sopa ou macarrão. As crianças do integral participam das quatro refeições.

Há cerca de duzentas e noventa crianças matriculadas na Cemei.

O espaço físico está bastante precário, chove constantemente dentro da Cemei, a pintura está desgastada e nada pode ser feito porque a Cemei passará por reforma no início de 2004. Nesse aspecto a creche não atende a todos os “Critérios de Atendimento de uma Creche que Respeite os Direitos das Crianças”, de Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg, (1995) como:

“As crianças têm direito a lugares agradáveis para recostar e desenvolver atividades calmas.

As crianças têm direito a lugares adequados para seu descanso e sono.

Nossas crianças têm direito a prevenção e contágio de doença.” (p.15)

Esses critérios não são respeitados, já que frequentemente aparecem insetos de todos os tipos, ratos e escorpiões que fazem mal a saúde humana.

A Cemei têm sete salas⁷, uma para cada turma: sendo que o berçário possui local para banho dos bebês dentro da própria sala, a demais salas são pequenas. As salas do berçário 2 não têm mesas nem cadeiras, todas as atividades são feitas no chão, a partir do M1 (maternal 1) há algumas mesas e cadeiras, para algumas atividades. As turmas do M1 e M2 (maternal 2) que ficam na creche em período integral, tem a hora do sono das 11:00 às 13:30, dormem em colchonetes. As salas do M3 (maternal 3), Infantil e Pré são ainda menores. As três salas possuem um solário logo na saída das salas com duas torneiras.

Há banheiros feminino e masculino adaptados ao banho (para aquelas crianças que permanecem em período integral).

⁷ Ver planta em anexo.

Além dessas salas, a Cemei possui também uma sala de vídeo, que também é utilizada para guardar brinquedos e um refeitório com capacidade para 50 crianças, espaço esse que é utilizado para a alimentação das crianças e café das professoras e funcionários. A cozinha só pode ser utilizada pelas cozinheiras, pois todo serviço é terceirizado e há rígido controle.

Na frente do refeitório há um pátio grande onde são realizadas brincadeiras de roda e diversas outras brincadeiras. Esse espaço também é utilizado para festas, apresentações e integração entre as idades, onde se contam histórias para todo mundo e onde ocorrem as apresentações de teatros e etc.

Ao redor da Cemei há quatro parques. Esses quatro parques são, na verdade, quatro espaços diferenciados, sendo que um não tem visão para o outro e por isso as crianças não podem brincar ou correr de um parque para o outro. No parque da frente, há mais brinquedos: escorregador, gangorra, gira-gira, trepa-trepa e um tanque de areia. É o parque mais usado e onde geralmente ocorre a mistura das idades. Há dentro do espaço da Cemei uma área aberta com parque para os bebês, ou seja, brinquedos na altura dos bebês. Os outros dois menores ficam turmas sozinhas, há pouco espaço para correr e poucos brinquedos.

Não há espaço para os pais e nem mesmo sala dos professores. Há uma sala onde funciona a diretoria e secretaria. As reuniões dos professores e todo trabalho coletivo são realizados nas salas das crianças, com cadeiras e mesas próprias para elas, na altura delas.

Há uma biblioteca no corredor próximo a secretária, essa é formada por um cercado com prateleiras. A maioria dos livros fica na altura das crianças, os livros são colocados nas prateleiras com as capas para frente, de modo que as crianças tenham visão a todos os livros. As sextas-feiras ocorrem o empréstimo de livros, quando as

crianças levam o livro para a casa e devolvem na segunda-feira. Todas as crianças desde o M I (dois anos) participam, sendo que são eles mesmo que escolhem e pegam os livros nas prateleiras, caso escolham um livro que está no alto, a professora responsável pela biblioteca pega para a criança.

A Cemei trabalha com a Pedagogia de Projetos e a maioria das professoras não estão preocupadas com a escolarização das crianças, mas sim com o lúdico e com os espaços para o brincar.

Há vários momentos em que as crianças de idades diferentes ficam juntas para ouvir uma história, brincar no parque, cantar e outros. O trabalho é orientado pelo Projeto Político Pedagógico da Cemei que tem como prioridade o brincar e o trabalho com projetos.

Quanto ao brincar e ao contato entre as idades, a creche atende os Critérios, propostos por Campos e Rosemberg (op. cit).

Essa Cemei localiza-se na periferia do município de Campinas, no bairro Vila Perseu Leite de Barros. A grande maioria das crianças da Cemei vive nas favelas do bairro e as outras vivem nos bairros Vila Perseu, Jd Roseira e Parque Tropical. Isso ocorre porque devido ao limitado número de vagas, são selecionadas apenas as crianças de famílias mais carentes.

A comunidade da Cemei é bastante carente financeiramente e é considerada violenta. A maioria das crianças que frequentam a creche já viram pai, mãe ou parente próximo ser assassinado. Muitos têm pai, mãe ou outro parente preso e as crianças relatam abertamente, durante a roda da conversa, assuntos como envolvimento com tráfico, uso de drogas dentro da própria casa feita pelos pais ou tios e sobre assassinatos do dia anterior.

4. Professora, conta uma história sem livro?

A importância de contar histórias na Educação

Infantil

Uma história é a melhor forma de expressão para alguma coisa que deseja dizer.

C. S. Lewis⁸

Episódio 1

Na roda diária a professora convida as crianças a contarem as novidades.

Alguns falam enquanto outros ouvem, outros falam entre si. Ela mostra um livro dizendo que vai ler uma história.

Um menino levanta a mão e pede:

Conta uma história sem livro?

A professora fica quieta por alguns instantes e começa: Era uma vez...

Silêncio! Todos ouvem! (Diário de campo, 28/10/2003)

Esse episódio mostra que as crianças adoram ouvir histórias e gostam de ouvir histórias de maneiras diferentes e não só pela leitura.

Outro episódio complementa tal interesse:

⁸ (apud., Pentecado, 1997, p.227)

Episódio 2

As crianças voltam do parque e sentam-se no chão, em frente da sala. A professora precisava entregar os cadernos de recados e as crianças falam alto e não param para ouvir a professora. Ela se cansa, começa a ficar impaciente, quando de repente, se levanta e começa...Era uma vez uma menina chamada Mariana que resolveu dar um passeio pela floresta, logo viu a árvore chamada Breno, com três passarinhos, um passarinho chamava Antonio e namorava a Passarinha Monique...E começa a contar história usando o nome de todas as crianças, assim que falava o nome entregava o caderno de recado. Ela inventava a história na medida que aparecia os nomes, na seqüência do caderno.

Olhos atentos, todos sentados...Risos e comemoração a cada nome que aparecia na história, a professora imitava os sons e todos comemoravam e aplaudiam.

Assim que terminou uma menina imediatamente fala:

- Conta de novo?

E os demais:

- É professora, conta de novo...

(Diário de Campo, 10/11/03)

Nota-se que a professora começou a contar história para conseguir o silêncio, o comportamento que ela queria para entregar tais cadernos, porém tornou o ambiente agradável e prazeroso, já que conseguiu a atenção das crianças, sem gritar e tornar o ambiente estressante. Foi muito interessante o modo como as crianças passaram a fazer parte da história, eles mesmos eram os personagens, assim ficavam atentos esperando

sua vez de entrar “no cenário”, quando era pronunciado o nome, as crianças se mexiam, riam, imitavam o personagem, mexiam o corpo e esperava para ver qual colega seria o próximo e que personagem seria esse.

Apesar do objetivo inicial não ser contar história, ela conseguiu improvisar e tornar o momento rico em criações, permitindo o imaginário. E as crianças adoraram, queriam que ela contasse novamente, queriam mais. Isso mostra a importância de tais momentos e como eles podem ser lúdicos e prazerosos.

Malu⁹ disse em sua entrevista sobre a importância de contar história sempre e como esse ato acalma as crianças e cria um momento lúdico:

E com as professoras eu sempre falo assim, sabe aquele dia, se você não tem o hábito, né, eu acho que seria legal criar um hábito de contar história, um momento de contar história, tem professor que conta todo dia, escolhem um momento para isso, se não tem o hábito, sabe aquele dia que as crianças estão elétricas, aquele dia que elas estão mais agitadas, conta uma história. A história ajuda a relaxar. Eu sempre falo muda um pouquinho o visual da sua sala, faz uma roda, puxa as cadeiras, põe às crianças tudo no chão, vai embaixo de uma árvore, escolhe um canto mais aconchegante, mais gostosinho e conta uma história que relaxa as crianças, tira aquela euforia.
(Entrevista realizada em Março de 2004)

⁹ Contadora de história entrevistada. Funcionária do Instituto de Artes da Unicamp, trabalha com três projetos de oficinas, um projeto para criança que é para incentivar a leitura das crianças que já estão alfabetizadas, outro projeto de oficinas para professores, pedagogos e educadores em geral, que é pra incentivar os professores e educadores a contar mais histórias em seu cotidiano e um projeto de terceira idade que pra resgatar as histórias que os idosos contam E também ela tem um grupo de contadores de história, que se apresenta para qualquer público, o grupo chama “parangolé de prosa”.

Para, Abramovich (1997), *“o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer de um texto!...”* (p.22)

Foi o que ocorreu em tal situação, através da história brincaram, imaginaram fazer parte da floresta e queriam ouvir de novo.

E dessa forma: “Os Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” diz sobre isso e afirma o direito das crianças a ter contato com o contar histórias:

“- Nossas crianças têm a oportunidade de ouvir músicas e assistir teatros de fantoches”.

“- Nossas crianças têm direito a ouvir e contar histórias”.

“- Nossa crianças têm livre acesso a livros de histórias, mesmo quando ainda não sabem ler”

(MEC, Campos, e Rosemberg, 1995, p.19)

Através do episódio e da discussão dos autores, nota-se como o ato de contar uma história proporciona, o lúdico, o imaginário, de forma a atender o direito das crianças de ter infância, de ter contato com o mundo exterior e com as coisas que o mundo nos proporciona, de ter direito a se divertir, dar risadas, movimentar-se, falar. Falar com o corpo, com as mãos, com os pés, através da expressão, através da linguagem oral ou de outras maneiras.

No episódio 2, quando as crianças faziam o barulho, antes da história, pode-se considerar que elas queriam alguma coisa, queriam poder se divertir e quando a

professora atende tal objetivo, eles mostram a satisfação em ouvir história, participar de um jogo, de uma brincadeira, com as palavras, com os sons dos animais, com o imaginário, puderam estar presentes naquela floresta, rir, gritar, falar e se expressar.

No primeiro episódio, vê-se que as crianças também pedem e sabem exigir aquilo que preferem e gostam mais, “*conta uma história sem livro*”, ou seja, sabem diferenciar o prazer entre ouvir uma história contada ou uma história lida escolhendo, talvez o que mais precisavam naquele momento.

Held (1980) complementa que se lido em voz alta para as crianças da escola maternal¹⁰, essas se deliciam e entram no humor, melhor que as mais velhas. A criança alimentada com histórias de humor é mais crítica e ativa. “*O humor torna a criança criadora*”.(p.190) A partir das palavras as crianças brincam, imaginam e criam. Mas isso só ocorre quando os adultos deixam isso acontecer, porque muitos, ao contrário disso, ensinam que linguagem é coisa séria e não permitem a brincadeira, o humor e a criação.

As profissionais da Educação Infantil quando permitem a brincadeira com a linguagem, com as palavras e com sons contribuem para que as crianças aprendam a divertir-se com a linguagem e tornar-se criadoras.

Segundo Held, desde que nascem, os bebês brincam com os sons e sílabas. As crianças menores adoram brincadeiras com refrões cantados, fazer jogo com as palavras, com os sons e com os ritmos. Elas são naturalmente criadoras. E gostam de inventar histórias e ouvi-las também.

Abramovich ao falar do ouvir história para as crianças que ainda não lê diz: “*ouvir história é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos*

¹⁰ A escola maternal que Held se refere na França equivale à pré-escola no Brasil.

melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada..."(op. cit. p.24)

A história é um momento de prazer, um momento importante que todas as crianças têm o direito em presenciar.

Huizinga (1971) ao falar de jogo, considera a poesia como um jogo, como o lúdico, como um jogo de palavras, nesse sentido o contar história adquire essa mesma idéia:

toda poesia tem origem no jogo: o jogo sagra do culto, o jogo festivo da corte amorosa, o jogo marcial da competição, o jogo combativo da emulação da troca e da invectiva, o jogo ligeiro do humor e da prontidão (p.143).

Para Girardello (2003) o ouvir histórias também é um momento lúdico e complementa a idéia de Huizinga:

A história contada tem uma clara dimensão de jogo. Conhecemos racionalmente os motivos pelos quais estimulamos as brincadeiras das crianças e brincamos nós mesmas com elas; durante a brincadeira, porém o presente sentimento lúdico predomina. A engenhosidade, a risada os desafios físicos e cognitivos e a alegria de sua superação, a fruição da rede de relações políticas e afetivos como parceiro do jogo – o valor de tudo isso independe da consciência que se tenha das aquisições a que nos levará e do saldo produtivo que disso restará. A essência da

brincadeira opõe-se à lógica produtivista, mesmo nas situações em nossa sociedade em que parece ter sido por ela incorporada, em pacotes de lazer tão previsíveis como bandejas de fast-food. O mesmo se dá na narração de histórias.

É nesse sentido que o ato de ouvir história entra no campo lúdico, da imaginação e da criação. Ouvir histórias, ouvir uma poesia ou inventar uma história são momentos lúdicos, momentos prazerosos, que permitem rir, levar ao imaginário, permite sonhar, assim, pode-se dizer que brincar com a linguagem é permitido. Isso se nota através dos dados coletados com as crianças e dos autores que falam sobre isso.

Nos episódios relatados, as crianças queriam ouvir histórias, queriam fazer desse momento um momento divertido. No episódio quando as crianças riem ao ver os colegas e a si mesmo fazer parte da história, fazer parte daquela floresta imaginada por cada um de uma maneira, felás vivem uma verdadeira brincadeira, um jogo de linguagem, sons e palavras.

A história é algo que transcende a realidade, traz a imaginação, leva aos sonhos. Esse sonho muitas vezes parece proibido, principalmente quando se pensa no Sistema Capitalista, em que o importante é produzir, assim brincar com a linguagem é perda de tempo, o importante é aprender ler o quanto antes, para começar a produzir o quanto antes. Brincar com a linguagem não dá lucros ao mercado, e por isso parece perda de tempo. Logo, as crianças aprendem desde pequenas que linguagem é coisa séria e não se pode brincar com ela.

Muitos pensam que o fato de ouvir histórias, leva-as para o imaginário e por isso tirá-as do real. Porém Held complementa que os contos contribuem com a resolução de

alguns problemas enfrentados no dia a dia pela criança e o seu imaginário contribui com o real.

Vygotsky (1987) fala que é incorreto considerar imaginação como sendo oposto ao real, pois ela está totalmente relacionada ao real. No episódio as crianças brincam, entram no jogo e não perdem a dimensão do real.

Segundo Postic (1993): *“Toda história, todo conto, toda lenda só age sobre a criança na medida em que o registro corresponde ao seu mundo interior, as suas angústias e suas necessidades...”* (p. 21).

Postic mostra que ao ouvir uma história a criança identifica nela suas necessidades e carências do momento.

Os homens têm desejos de poderes e os contos contribuem com isso. Nesse sentido muitos animais são humanizados, eles muitas vezes são as únicas companhias para as crianças, que falam com eles, vestem, contam histórias. *“... a criança encontra, no conto de animais, refúgio, desforra, pausa recreativa e compensadora que permitirá melhor enfrentar esse universo de regras que ela deverá assumir a medida de suas forças e a sua própria maneira”.* (Held, op. cit, p.108).

Ela encontra na fantasia, no imaginário, uma forma de trabalhar seus problemas familiares, pessoais e seus medos.

Abramovich concorda com Postic, quando diz: *“A criança, dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivencia pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto...”* (op.cit, p.98).

Assim através da discussão dos diversos autores, nota-se o quanto as histórias podem colaborar com o real. A história não deixa a criança na fantasia ou no mundo dos sonhos; a fantasia alimenta sua imaginação e quando volta a realidade, volta com novos meios de resolver seus problemas, de enfrentar a realidade.

Betty Coelho (1989)¹¹ conta uma experiência, de sua época de estagiária, em que começou a contar uma história em uma classe de primeira série, no meio de gritarias e muito barulho, em poucos segundos, conseguiu silêncio absoluto, todos atentos e entretidos ouvindo a história. Conta também algumas experiências sobre contação de história, porém, ela faz algumas indicações sobre quais histórias contar em determinadas idades, que diferem dos dados e pesquisas mais recentes:

Ela diz:

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecemos ao lactente leite decaído ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia, e prejuízo a saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.

Então, o que contar, tendo em vista a quem contar? ” (Coelho, 1989, p.14-15).

E propõe o quadro com tais indicações:

¹¹ O livro não traz informações sobre a formação da autora, só diz que sua experiência de contar história se deu através da prática de contar histórias para crianças e no magistério. Não há informações de referências bibliográficas e nem mesmo como ela chega a tais conclusões, ao não ser pela observação de sua prática.

<p><i>Pré-escolares</i></p>	<p><i>Até 3 anos:</i> <i>fase pré-mágica</i></p> <p><i>3 a 6 anos:</i> <i>fase mágica</i></p>	<p>- <i>histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza(humanizados)</i></p> <p>- <i>histórias de crianças</i></p> <p>- <i>histórias de repetições e acumulativas. (Dona Baratinha, A forminha e a neve, etc).</i></p> <p>- <i>Histórias de fada.</i></p>
<p><i>Escolares</i></p>	<p><i>7 anos</i></p>	<p>- <i>história de crianças, animais e encantamentos</i></p> <p>- <i>aventuras no ambiente próximos: família e comunidade</i></p> <p>- <i>Histórias de fada</i></p>
<p><i>Escolares</i></p>	<p><i>8 anos</i></p>	<p><i>Histórias de fada com enredo mais elaborado</i></p> <p><i>Histórias humorística</i></p>
<p><i>Escolares</i></p>	<p><i>9 anos</i></p>	<p><i>Histórias de fada</i></p> <p><i>Histórias vinculadas a realidade</i></p>
<p><i>Escolares</i></p>	<p><i>10 anos</i></p>	<p><i>Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções.</i></p> <p><i>Fabulas, mitos e lendas.</i></p>

Quadro: (Coelho, op. cit p.15).

Nota-se que ela acredita que a criança precisa de um certo preparo cerebral para ouvir uma história.

Held (op. cit) faz uma crítica a alguns pesquisadores que dizem que certas imagens traumatizam as crianças. Ela diz que muitas histórias, dependendo de como são contadas, trazem um impacto diferente no ouvinte. Se o leitor sério, não transmitir o humor, poderá ser uma história angustiante e se o leitor transmitir todo humor pode deixar algo angustiante mais humorístico.

E continua dizendo que as imagens não traumatizam nenhuma criança. E *“qualquer imagem é traumatizante para uma criança perturbada”*. (p.93). As crianças perturbadas não se traumatizam apenas com imagem extraordinária ou seres assustadores, mas também com imagens cotidianas. Isso significa, que não se deve privar as crianças pré-escolares das histórias que os adultos consideram que transmitiram medo ou que elas não iriam entender.

Dante Leite (1961) apud. In Penteadó (1997) concorda com Held que as histórias fantásticas podem causar um efeito destrutivo em uma personalidade e construtivo em outra.

“Admite, porém, que as histórias infantis atendem à necessidade infantil de fantasia, apresentando um universo organizado, onde a fantasia pode ser reveladora de conflitos de outra forma inexprimíveis, podendo assim contribuir para o alívio das tensões existentes no interior da criança. E conclui que se trata de um poderoso instrumento pedagógico.” (p.124)

As idéias de Coelho discordam das apresentadas por Postic, Abramovich Dante Leite apud Penteado e Held.

No quadro elaborado por Coelho nota-se que as histórias de ficção científica não aparecem, já Held, relata pesquisas sobre o interesse das crianças sobre os conhecimentos científicos e com isso mostra que a ficção científica pode sim, ser acessível às crianças. E elas fazem questionamentos da sociedade e entendem as sátiras de tais contos, porém muitas vezes os adultos ignoram a fim de manter sua superioridade sobre elas.

As crianças estão em contato com os problemas do mundo, ouvem falar sobre eles, vivenciam em seu dia-a-dia e os conhecem muito bem; não são inocentes em relação aos problemas sociais.

Os sofrimentos humanos provocam o desejo de sonhar, o desejo de querer melhorias e nos contos isso é possível.

Já no quadro de Coelho, histórias vinculadas à realidade só aparecerá aos nove anos de idade, através da pesquisa em campo e enquanto professora noto o interesse por histórias da realidade, já na idade pré-escolar, assim como Held relata em sua pesquisa.

As fábulas, os mitos e as lendas só apareceram a partir dos dez anos em diante. Quando se vê no cotidiano das instituições de Educação Infantil o contato com tais histórias e as crianças adoram.

As lendas são muito trabalhadas e não há criança que não conheça a Lenda do Saci-pererê, a Iara, o Curupira e outras.

Apolinário (2000) relata um episódio da lenda Curupira e mostra a presença dessa e de outras lendas:

A professora lê a lenda do Curupira, sendo que outras lendas folclóricas sendo que outras lendas já haviam sido lidas para as crianças. Meninos, meninas e professora entram em um processo de encantamento que envolve mistério e medo. ...

Assim, a leitura da lenda do Curupira possibilitou às crianças o contato com algo que não conheciam, porém ao mesmo tempo despertou a busca pela compreensão dos acontecimentos, que é inerente ao ser humano. (p.19)

Isso nos mostra que a lenda contada foi um rico momento em que o imaginário foi despertado e de modo algum isso trouxe prejuízos as crianças, como Coelho afirma que pode ser causado.

As crianças gostam de ouvir todos os tipos de histórias e quando os professores colocam à disposição a maior variedade possível de tipos de histórias, dão a oportunidade para que as crianças se deliciem, conhecendo as variedades da cultura, da nossa língua e aprendendo a escolher suas preferidas, as que lhe dão maior prazer.

5. Era a professora!!!

Muitas imagens poderosas que fascinam os adultos derivam da sua leitura de infância.

Mary Cadogan & Patrícia Craig¹²

Episódio 3

A professora monta a casinha de teatros de fantoches, enquanto as crianças colocam as cadeiras em forma de teatro e vão sentando na platéia.

A professora se esconde e começa a contar sua história, que inicia com um menino que não gosta de tomar banho, ela vai incluindo outros personagens e esses vão conversando com as crianças. Conforme a reação das crianças ela aumenta e abaixa a voz, inclui personagens, comenta a fala das crianças. Tudo com voz diferente.

Quando acabou a história ela saiu da casinha e apareceu com o fantoche na mão na frente das crianças. Uma menina imediatamente coloca a mão na boca, se levanta e fala: Ah!!! Era a professora!!!

(Diário de Campo: outubro de 2003)

Ela demonstrou certa surpresa, como se não soubesse que era a professora quem estava ali, sendo que a professora em momento algum disfarçou, apenas mudou a voz,

¹² (apud., Penteadó, 1997, p.225)

entrou na casinha na frente das crianças, mostrou o fantoche para eles antes da história. Porém a criança se envolveu tanto com a história, que imaginou ser mesmo um certo personagem.

A criança conseguiu entrar na história e acreditar que tudo aquilo era mesmo real? O que ela imaginou?

Ela sabia que aquilo era apenas uma história, porém, imaginou e entrou na história. E como Held, (1980), já dizia: *“a temática do conto se instaura entre os seres e as coisas um modo de relação que ultrapassa a lógica adulta estrita, mas que vem ao encontro dos desejos das crianças e os preenche”*. (p.43-44).

Do mesmo modo que quando brinca de casinha ou fala com o cavalo que é um cabo de vassoura, ela sabe que é ficção, mas entra no imaginário e faz com que ela entre na história.

Segundo Vygotsky (1987) o jogo traz imaginação infantil. Nota-se que as crianças criam quando jogam, quando transformam um objeto em outro no jogo de faz de conta. Ela cria funções para os objetos, que passam a representar simbolicamente com ou sem gestos, situações reais. Assim, um pedaço de pano com o movimento de “embalo” representa um bebê. Do mesmo modo, no episódio, os fantoches representam personagens, meninos reais, que faziam parte daquela história.

Essas criações nunca são iguais como a realidade, são transformações criadoras das impressões vividas, a combinação e a organização das impressões para a formação de que uma nova realidade, que responda as exigências e inclinações da própria criança.

A criança imagina e esse imaginário pode preocupar os adultos. Isso porque eles pensam que a imaginação sai das normas adultas fazendo com que tal criança viva fora da realidade e por isso tira-se o imaginário, para viver a ciência.

Mas de onde vem a imaginação? O que é a imaginação?

Vários pesquisadores trazem algumas contribuições sobre imaginação. Leite, (2002), baseia-se nas idéias de Vygotsky para explicar a imaginação.

Considera-se: *“a imaginação a base de toda a atividade criadora, manifesta-se por igual em todos os aspectos da vida, possibilitando a criação artística, científica e técnica, uma condição necessária da vida cotidiana”*.(p.55). Ou seja, tudo o que criamos, o que fazemos de novo, é fruto da imaginação.

Leite continua, há dois impulsos básicos na conduta humana: o reprodutor e o criador.

O reprodutor é responsável pela reprodução e repetição e está ligado à memória, indispensável para a existência do impulso criador. Já o criador é responsável pela função criadora e articula-se com a imaginação a fim de criar coisas novas, a partir da combinação de elementos de experiências passadas. Dessa forma o ser humano é capaz de recriar, reformular e modificar o presente e projetar o futuro.

“A imaginação é uma atividade criadora do cérebro baseado na combinação de elementos real mesclados a imagens fantasiosas, que também são criadas com materiais tomados do real. Nesses termos, é possível imaginar quando se tem experiência passada, alias quanto mais riqueza e variedade de experiência o homem tiver acumuladas, mais fortalecidos estarão os edifícios da imaginação”.(Leite, op.cit.:56).

Vê-se que no episódio descrito, a criança baseou-se naquilo que estava vendo, ouvindo e criou imagens fantasiosas. A criança cria imagens a partir do que ouviu, porque o fantoche representa um personagem. Ela alcança o simbólico.

A situação criada era uma situação fantasiosa, pois fantasias são “*novas combinações dos mesmos elementos tomados de realidade e submetidos a reelaboração pela imaginação*”. (Leite, op.cit.:56).

A imaginação é necessária ao ser humano e é papel das instituições de educação infantil proporcionar momentos em que a criança possa alimentar a sua fantasia, seu imaginário. Held (1980) acredita que todo ser humano precisa ser alimentado com imaginação e com sonho para se desenvolver harmonicamente. Quando isso não ocorre através da arte – conto, música, pintura – quando adulto necessariamente procurará substituir tal falta por outros meios.

Huizinga (1971) contribui quando diz que: “*A linguagem artística difere da linguagem vulgar pelo uso de termos, imagens figuras especiais, que nem todos serão capazes de compreender. O eterno abismo entre o ser e a idéia só pode ser flanqueado pelo arco íris da imaginação*” (p.148-149).

E fantasia, imaginação é um direito da criança a ser garantido pelos espaços de Educação Infantil.

“Os Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” também diz sobre o direito a imaginação:

...nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão”.¹³

Valorizamos nossas crianças quando tentam expressar seus pensamentos, fantasias e lembranças”.

(MEC, Campos, e Rosemberg, 1995, p.19)

¹³ Grifos meus

Esse documento do MEC, mostra a importância tanto do ouvir histórias, inclusive com fantoches, quanto do direito a espaço onde as crianças possam expressar suas fantasias e criar, imaginar, sem serem impedidas ou satirizadas pelo adulto e, ao contrário, o adulto deve participar desses momentos incentivando-as sempre.

Daniele Apolinário (2000) fala sobre a importância do educador nesse processo: *“Quando a criança está num espaço educativo é fundamental que o profissional favoreça condições para que ocorram as situações imaginárias, fazendo inclusive parte do planejamento da professora prever momentos que garantam este espaço”*. (p.32)

“Há necessidade de aumentar as experiências das crianças, se queremos criar bases suficientes sólida para sua atividade criadora.” (Vygotsky, op.cit, p.12)

E contando histórias é uma maneira de aumentar as experiências das crianças, pois quando se conta história, segundo Malu:

“Quando a gente conta uma história você sempre descreve alguma coisa, descreve uma pessoa, essa coisa oral, né, você descreve uma pessoa, descreve roupa, cenário, você descreve um país, uma estação, um tapete mágico, isso faz as crianças imaginarem, eu já tive depoimento de criança, porque assim quando eu dou o curso, eu dou um texto da história, do livro original, sem ilustração, pra incentivar a leitura e as crianças já fizeram depoimentos que gostam de ler os textos sem as imagens porque imaginam mais, o que ela tá lendo, cada um vai imaginar do teu jeito, esse exercício eu acho que é básico, a hora que eu to lendo eu tô levando as pessoas para um outro lugar.” (Transcrição da entrevista realizada em março de 2004)

Dessa forma amplia-se a experiência, dar-se à oportunidade de trabalhar as curiosidades infantis, o imaginário e assim formar crianças criadoras.

Tendo a imaginação como base de toda a atividade criadora, conclui-se que quanto maior for o contato delas com o imaginário, quanto mais se oferecer fantasias às crianças, maior será a oportunidade de torná-las uma criança criadora. Sendo extremamente importante que as crianças se tornem criadoras já dentro dos espaços de Educação Infantil, para isso, é necessário deixá-las expressar seus sentimentos e desejos. Os profissionais que atuam com as crianças quando oferecem espaços para que elas construam suas engenhocas e sua própria cultura, criem histórias, façam seus próprios desenhos, valorizam o que elas têm de mais criadora.

6. Ele não morde, não é?

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.

(Freire, 1996, p. 98)

Episódio 4

As crianças sentam no pátio para um teatro de fantoches, estão juntas crianças de dois anos a seis anos. Fico perto de um grupo de crianças de quatro anos para coletar os dados.

A história é de um lobo e um coelho. O lobo ameaça o coelho:

Keila: Ele não morde, não é, professora?

Professora: Não sei, será que ele morde de verdade? Vamos ver né?

Keila: Então, posso pôr a mão na boca dele para ver?

Professora: Mas e se ele morder?

Criança fica quieta e pensativa.

(Diário de Campo Março de 2004)

Nota-se que a criança sente um imenso medo do lobo, principalmente de ser mordido por ele; naquele momento precisa do apoio da professora para confirmar que o lobo não morderia, que ele era só de mentirinha, só fantasia. E a professora, instiga ainda mais: “não, sei, será que ele morde?”.

Seu medo, sua fantasia aumenta. Ela fica pensativa. E agora? Ela pensa que se pôr o dedo na boca do lobo terá a resposta. Mas a professora instiga: “Mas e se ele morder?” E ela então, fica pensativa, sem ação.

A professora instiga a criança para que a criança pense sobre tal situação. Através disso é permitindo que a criança continue imaginando.

Episódio 5

Nesse mesmo teatro, apresentado no episódio 4, as crianças fazem muito barulho, os contadores de história param de contar e escondem os fantoches e dizem que eles vão embora se não parar o barulho.

Gabriel vira totalmente assustado:

Para onde eles foram?

Professora: eles se esconderam

Gabriel: Onde? Eles foram para o chão?

Professora: Não, atrás da árvore

Gabriel: Quero ver, deixa eu ver?

Nesse instante ameaça levantar. A professora não deixa.

(Diário de Campo Março de 2004)

Essa criança chegou há poucos dias na creche, nunca havia visto um teatro de fantoches antes.

Ele está curioso, intrigado com aqueles bichinhos, lá atrás do cenário.

O cenário tinha algumas árvores desenhadas, não dava a impressão de ser tão real, talvez para ele, mas acontece que lá atrás do cenário, ele só via os tais bichinhos. Logo que o teatro começou, todos estavam sentados, ele deu um imenso pulo, levantou dando gritos e riso e já estava se aproximando do cenário, quando a professora trouxe-o para perto dela. Com muita frequência ele levantava, gritava diante das reações dos personagens, ficava atento a cada fala, batia os pés e as mãos.

E quando os personagens pararam, ele também parou todos os movimentos, olhou para a professora, olhou para o cenário, era isso mesmo, não viu mais ninguém, como era possível? Ele não viu ninguém sair pelas portas. Onde poderiam estar? Só poderiam ter saído pelo chão! A professora fala das árvores, mas para ele não podia ser real, queria ver, descobrir. Onde estariam tais bichinhos?

O teatro voltou os movimentos voltaram, mexiam as mãos os pés, a cabeça, o corpo como todo...

Postic (1993), já dizia que: *“a criança expressa seu imaginário primeiro pelo jogo, pelo gesto, pelo corpo, antes de usar o desenho, a pintura, a narração..”* (p.22).

Isso mostra que ele expressa seu imaginário através das mãos, dos pés, dos pulo, (do corpo) e estava atento ao que acontecia. Mas quando o teatro parou, ele também parou seus movimentos. Porém, seu imaginário não parou. Ele queria saber como e que os personagens havia sumido?

Nos dois episódios nota-se a presença do imaginário.

Para Vygotsky (1987) as necessidades e os desejos são estímulos/impulsos para criação. Para a invenção é necessário o surgimento espontâneo que se produz

repentinamente sem causas evidentes que as provoquem. Essas são causas da realidade, ação de forma oculta do pensamento, estado afetivo e trabalho mental inconsciente.

Ele também defende que a criação depende do meio, das condições oferecidas para tal oportunidade. Os gênios, as invenções dependem do tempo e do meio. Em geral os inventores são de classe social privilegiada que tiveram maiores oportunidades.

Por isso as instituições educativas, como já propôs Apolinário (2000) e outros autores têm que favorecer esse ambiente, à maneira que os professores organizem o espaço e o tempo permitindo a ação das crianças e a presença do imaginário, sem proibi-los de serem manifestados nos espaço educativos.

Contando histórias é uma forma de permitir e favorecer tal situação, pois contar histórias:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que esta sendo vivido pela criança)...E assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...” (Abramovich, 1997 p.17).

E quando se conta história, dar-se-á oportunidade de criar situações que respondam às curiosidades das crianças e suas necessidades, proporcionando um ambiente criador, no qual favorecerá a formação de futuros inventores, cientistas ou seres criadores.

Isso ocorreu nos dois episódios, quando a menina elabora meios para ver se o lobo morderia-a ou não, imagina que os personagens são verdadeiros, mas quer ter a certeza, então ao suscitar a imaginação surgem perguntas, curiosidades. Essas perguntas e curiosidades querem respostas para resolver um problema, nesse caso: o medo.

O segundo episódio quando o menino tenta descobrir onde foram parar os bichinhos, ele elabora uma questão: “para o chão?”, só podem ter saído pelo chão, faz associações daquilo que já sabe com imagens novas - aquilo que viu naquela hora. Já sabia como era comum sair de um local, pois todas as vezes que alguém vai embora de um local passa pela porta e ele não viu ninguém passar, então só pode ter saído pelo chão, atravessado o chão.

É desse modo que Held, Vygotsky, Leite e outros já discutidos anteriormente, mostram como o imaginário e a fantasia contribuem com a construção do real. O ato de ouvir histórias, ler, entrar na literatura, viajar com os personagens, entrar no mundo da história contribuem com essa construção, contrariando muitos profissionais e pesquisadores que acreditam que proibindo o imaginário nos espaços de educação infantil, garantem a construção do real, pois o imaginário, segundo tais pesquisadores, levam apenas ao mundo da fantasia distinto do real.

Além disso, nas histórias o imaginário é uma forma de prazer, de brincadeira, de “curtir” tal momento, de “curtir” sua infância como lhe é direito e por isso ser assegurado dentro dos espaços de Educação Infantil.

Marcellino (1990) ao falar do direito à infância também fala sobre a importância dos espaços educativos respeitarem tal cultura. Para ele o lúdico, o brinquedo para as crianças representa muito mais que o prazer. Os brinquedos representam o mesmo que o trabalho para os adultos. É a ação de criar que possibilita a modificação e a reconstrução da realidade, permite a expressão dos sentimentos, da emoção, a expressão simbólica de seus desejos e a experiência. A escola precisa conhecer essa importância, os educadores precisam conhecer quem estão educando e a coletividade, a cultura e os costumes de todas as crianças do grupo. A escola não pode jamais desprezar a cultura infantil, matar a esperança e negar o direito de sonhar, pois é através do sonho que a criança imagina, cria realidades, soluciona problemas seus e do mundo, busca soluções e novos caminhos, e isso é um direito que ninguém pode tirá-los.

Souza (2004) faz críticas ao assédio sofrido pelas crianças pela indústria cultural de massa, que os tornam consumidoras das linguagens, comportamentos e idéias apresentadas pela mídia. Para ele quando se trabalha com teatro com tais crianças, é uma maneira de oferecer possibilidades diferentes daquela encontrada pelos meios de comunicação, que tanto a escola, quanto às instituições de educação infantil podem oferecer. Ele diz que através do teatro:

A criança é levada a exercitar sua independência e singularidade numa perspectiva de busca do outro, daquele que pelo convívio ou pela narração de suas aventuras (o personagem de ficção), pode ajudá-la a se constituir enquanto sujeito autônomo, em permanente contato com a diferença e tomando contato com a desigualdade que marca a história da construção de nossa sociedade. Busca-se também a convivência entre a cultura

do adulto e da criança, para que numa troca de experiência enriquecedora, ao desenvolver seus desejos, necessidades e conhecimentos pelo filtro da sensibilidade, a criança possa descobrir o quanto é necessário e frutífero aprender a identificar e a considerar as necessidades e desejos desse outro. (Souza, op. cit, p.47)

E as histórias podem proporcionar tudo o que Marcellino (op. cit) e Souza (op. cit) apresentam, o ato de ouvir histórias leva ao sonho e através delas a criança pode modificar e reconstruir a realidade em que vive. Através das histórias podem expressar seus desejos, emoções, medo, alegria, sensibilidades, curiosidades e etc. Todas essas expressões foram observadas nos dois episódios. Daí a importância de garantir tais espaços nas creches e pré-escolas.

7. O gigante que virou bola de fogo:

O imaginário e o desenho após as histórias

...a aprendizagem é o fator fundamental sobre o qual um novo modo de ensinar deve ser baseado, tornando-se um recurso complementar para a criança e oferecendo múltiplas opções, idéias, sugestões e fontes de apoio. A aprendizagem e o ensino não devem permanecer em bancos opostos e apenas observar enquanto o rio corre; em vez disso, devem embarcar juntos em uma jornada rio abaixo. Através de um intercâmbio ativo e recíproco, o ensinar pode ser a força para aprender a aprender.

Malaguzzi¹⁴

Com o objetivo de coletar dados sobre o imaginário das crianças após ouvir histórias foi realizada uma intervenção minha com uma turma de quatro anos. contei a história “O Curumim que virou gigante” de Joel dos Santos, sem ilustração.

A história fala sobre o Curumim Tarumã que queria ter uma irmãzinha, pedia para o pai, pedia para a mãe e nada. Assim após muita insistência sem sucesso, resolveu ter uma irmã imaginária. Ele imaginava a irmãzinha brincando, a mãe cuidando dela...

¹⁴ (in: Edwards , 1999, p.94)

Saiu para pescar com seus amigos curumins e pescou dois peixes. Seus amigos queriam saber o porquê dos dois peixes, ele disse que era para sua irmãzinha. Os curumins vão até a oca conhecer a irmãzinha e ele inventou uma história que ninguém acreditou. Logo em seguida vão colher caju, Tarumã colheu um montão, para sua irmãzinha, os outros curumins queriam levar frutas e flores para a irmã de Tarumã, vão até a oca novamente e Tarumã inventou uma outra história. Ninguém mais acreditava nele, ele saiu andando, deitou, se esticou na praia e virou um gigante. Bem em cima de seus olhos, lá no céu, nasceu uma estrela. Essa estrela é a irmã de Tarumã.

A história é interessante porque tem a presença do imaginário. A imaginação faz parte da história, além da presença de elementos fantasiosos, que também alimentam o imaginário, como o gigante.

Após a história foi pedido que as crianças desenhassem a história. Foi utilizado o desenho como instrumento de coleta de dados, pois o desenho é uma forma muito rica de entender as crianças.

Márcia Gobbi (2002) e Sueli Ferreira (2003) defendem o uso do desenho como uma forma de Metodologia de Pesquisa. Gobbi diz:

Perseguindo o objetivo de contribuir com a construção de Metodologias de Pesquisa que privilegiem os pequenos, afirmo que os desenhos infantis em conjunção com a oralidade como formas privilegiadas de expressão da criança. Quando aproximadas, podem resultar em documentos históricos aos quais podemos recorrer ao necessitarmos saber mais e melhor acerca de seu mundo vivido, imaginado, construído, numa atitude investigativa que procure

contemplar a necessidade de conhecer parte da história segundo seus próprios olhares. (p.73)

Para Gobbi (op. cit), o desenho é uma forma de conhecer melhor a infância das crianças pequenas, até entender seu mundo e também seu imaginário que é o objetivo da atual pesquisa, porém ela alerta para que se tenha cuidado de: *“de não engessar a produção infantil, enquadrando-as em determinados padrões, tendo a opção de utilizar as falas de seus produtores no momento da produção”*. (p.71).

Nota-se a importância da oralidade no momento da produção, para que o desenho não se torne uma falsa interpretação adulta, por isso a necessidade de estabelecer diálogo com a criança no momento em que desenha e registrar tais falas. Ferreira também concorda com tal necessidade:

Para serem “decifrados” há a necessidade do dialogo entre a criança/ autora e o adulto interpretem, como condição fundamental, visto que os significados e os sentidos das figurações são implícitos pelas palavras. (Ferreira, op. cit. p.16)

Diante da importância de coletar os desenhos com as falas das crianças foi realizado o registro da fala enquanto produziam seus desenhos. São essas falas que permitem o olhar sobre os desenhos e sua relação com o imaginário; tendo assim a idéia sobre o imaginário e a história que foi contada.

Além de utilizar o desenho como uma fonte de pesquisa é importante destacar sua importância enquanto um ato criador e como Ferreira define: *“O desenho da*

criança, resultante de uma atividade mental e manual, é um objeto emergido do imaginário, do percebido do real” (op. cit. p.16).

O desenho é um ato criador, Vygotsky (1987) diz que o desenho é uma forma de criação e para ele atividade criadora é quando o homem cria algo de novo. Todos os produtos do mundo exteriores são produto da criação com certa organização do pensamento, sentimento e da conduta humana.

A conduta humana, segundo Vygotsky (op. cit), se distingue em dois tipos fundamentais: a reprodutora – ligada a memória, ao ato de repetir normas já formadas ou relembrar fatos da infância – e as experiências já vividas. A criação é determinada e influenciada pelos fatores psicológicos. O mundo que os rodeia é determinante para tal processo. A base da criação tem seu surgimento das necessidades, as aspirações e os desejos. As necessidades e os desejos são estímulos/impulsos para criação. Como destacado anteriormente, a imaginação é a base para a criação.

Desse modo as histórias estimulam o imaginário, o desejo e a necessidades de criação. Tendo o desenho como uma criação, nota-se que a história foi usada como impulso, como estímulo para que se imaginasse, lembrando que é a imaginação que determina o impulso criador. Então os desenhos são as criações, produto da imaginação.

Considerando-se que:

“A atividade de desenho pode indicar os múltiplos caminhos que a criança usa para registrar percepções, conhecimentos, emoções, vontades, imaginação, memória no desenvolvimento de uma forma de interação social, apropriada a

suas condições, físicas, históricas e culturais.” (Ferreira, op. cit, p.16).

Dessa forma pode-se dizer que na situação apresentada, as crianças ouviram a história, tiveram percepções, sentimentos, imaginaram situações, cenário, criaram novas imagens e depois criaram e registraram através do desenho o que haviam vivenciado. Isso pode ser verificado através dos desenhos.

Gobbi ao falar sobre os desenhos diz que eles:

Contém em si informações que vão além dos mesmos, extrapolando o registro ou cópia fiel do que está ao seu redor: são portadores de sonhos, de imaginação, de vínculos constituídos entre seus produtores e aqueles ou aquilo que estava nos entornos da produção e devem ser considerados. (op cit., p.79)

No caso dessa intervenção pode-se dizer que o entorno da produção era um momento história, um momento rico em imaginário, um momento de alegria e de prazer, que as crianças gostam.

Assim, os desenhos representam o que pensavam em tal momento, o que imaginavam.

7.1 Os desenhos

Nota-se a grande presença no desenho das crianças da figura do gigante. O gigante é uma figura não comum em nosso meio, em nosso dia-a-dia e sempre presente nas histórias, no mundo imaginário.

O relato através do desenho deu nome ao capítulo fica muito claro, o como a história estimulou a criança a imaginar e como a imaginação incentivou a criação.

Episódio 6:

Pesquisadora: O que você desenhou?

Criança: Uma bola de fogo.

Pesquisadora: E a bola de fogo estava na história?

Criança: Não, é que o gigante virou uma bola de fogo.

Pesquisadora: Ah é! E como isso aconteceu?

Criança: O gigante era grandão e daí foi virando uma bola, até que virou uma bola de fogo.

Nota-se a presença significativa do gigante da história. A história alimentou o imaginário que permitiu a transformação e a construção de uma nova imagem: “o gigante que se transformou em bola de fogo”

A imaginação permitiu essa nova criação: o desenho de uma “bola de fogo”.

Nos demais desenhos ora há a presença do gigante e sua irmã, ora do Tarumã e sua irmã. Porém em todos a figura do Tarumã aparece como grande representando um gigante.

Episódio 7

Pesquisadora : O que você desenhou?

Criança: Esse é o Tarumã, e aqui é sua irmãzinha.

(Aponta a figura maior – 1 – como Tarumã e a figura menor – 2 – como sua irmãzinha)



Episódio 8

Pesquisadora : O que você desenhou?

Criança: Desenhei o Tarumã,

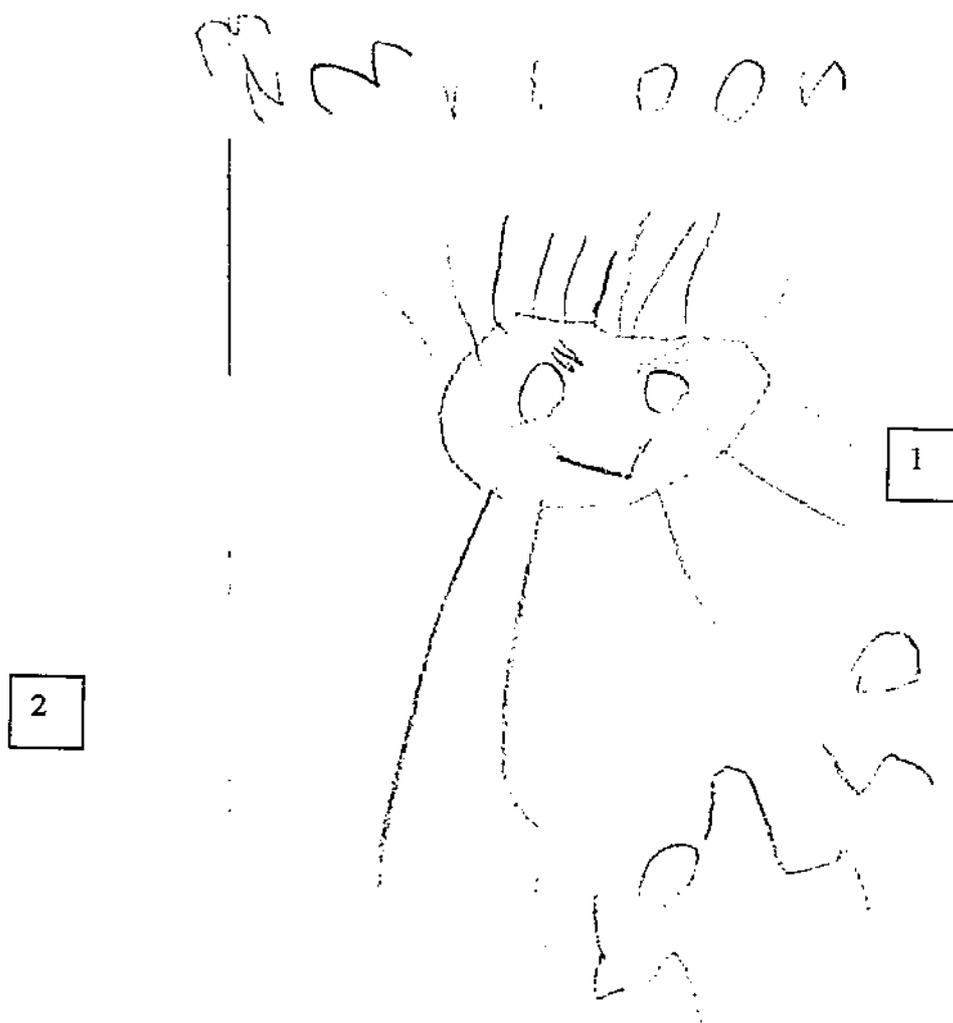
Pesquisadora: E qual é o Tarumã?

(Aponta a figura maior - 1)

Pesquisadora: o que mais você desenhou?

Criança: A irmã dele.

(Aponta a figura menor - 2)



Episódio 9

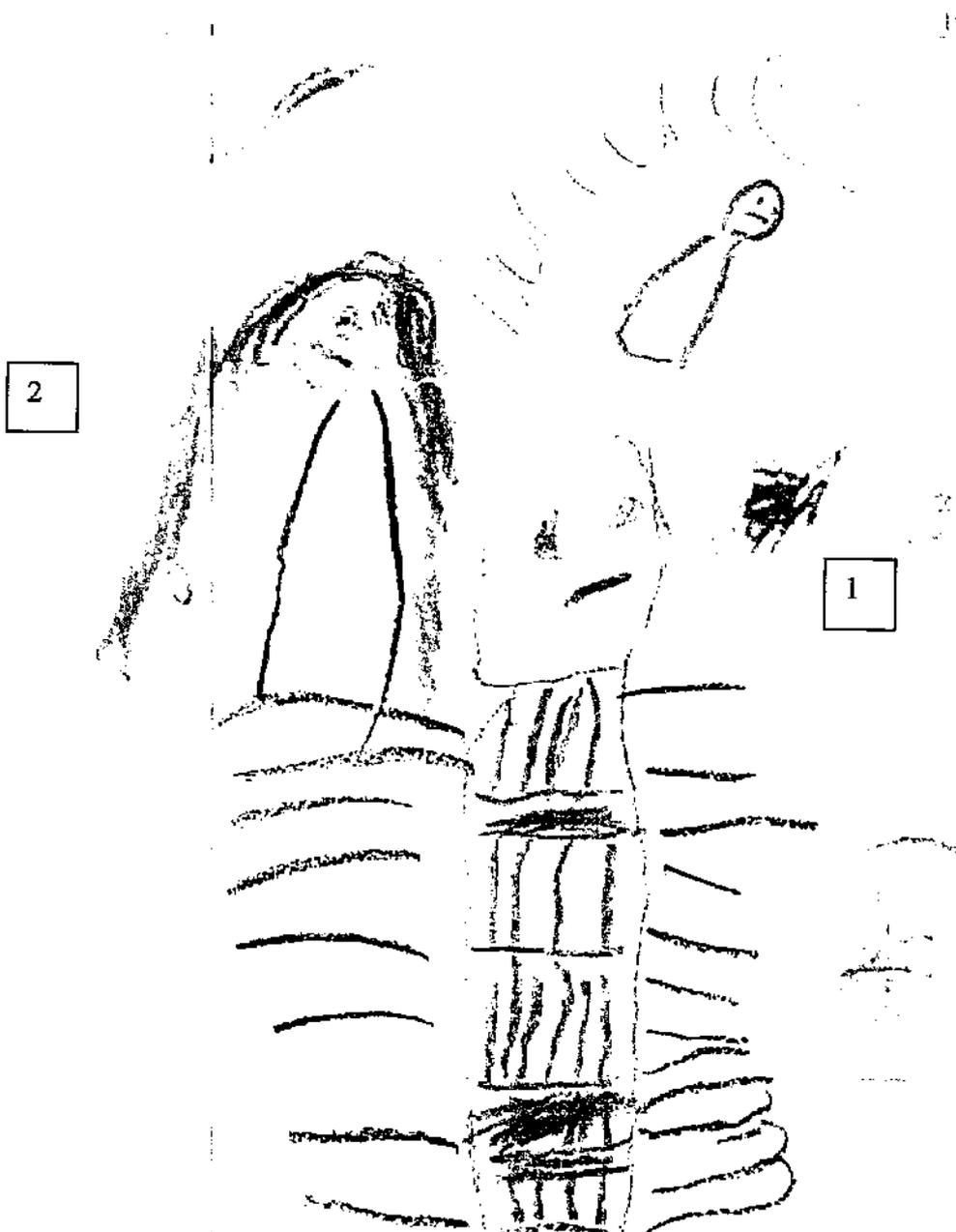
Pesquisadora : O que você desenhou?

Criança: O gigante e a irmãzinha

Pesquisadora: O que mais você quer falar do desenho

Criança: Esse é o gigante.

(Aponta figura 1)



Episódio 10

Pesquisadora : O que você desenhou?

Criança: O gigante, bem grandão.



Nota-se que nos desenhos não há a transformação do Tarumã em gigante, há apenas a presença do personagem que mais chama atenção da criança, porém mesmo que tenham desenhado a figura do Tarumã que é um curumim, quando ele ainda não era gigante, ele aparece grande como gigante. A figura do gigante está sempre associada a figura da irmã e está é uma figura pequena.

Toda narrativa é formada uma seqüência de fatos, no entanto na intervenção quando foi proposto para as crianças desenharem a história, elas desenharam apenas os dois personagens, o Tarumã e sua irmãzinha, desprezando o restante da narrativa, isto mostra que esses personagens foram mais significativos na história, talvez foram os personagens que manifestaram seu imaginário; todo o conteúdo da história foi desprezado, até mesmo a idéia de que Tarumã é um curumim, pequeno e tem uma irmã imaginária, quando se transforma em gigante deixa de ter uma irmã.

Isso mostra a presença do real e do imaginário, sendo que o gigante é uma figura do imaginário e a irmã, figura pertencente ao real.

Capítulo 8: Contar histórias por prazer ou obrigação: Como se dá essa relação entre os profissionais da Educação Infantil

*Não será mentindo para as crianças que
consertaremos as coisas tortas.*

Monteiro Lobato.¹⁵

A fim de pesquisar como se dá o ato de contar histórias na Educação Infantil foram realizadas entrevista com quatro professores e uma monitora.

Na entrevista as professoras disseram contar histórias frequentemente. Contar histórias é algo que é cobrado dos professores.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNs), que é um documento nacional elaborado pelo Ministério da Educação e Desporto (MEC) em 1998, também fala da importância de contar histórias e oferece aos professores orientações didáticas de como fazer isso. Esse documento é dividido por áreas de conhecimento como: Movimento, Música, Artes visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. As orientações sobre as histórias estão na Linguagem Oral e Escrita, porém o documento vê as histórias como uma forma de transmitir conteúdo, informações culturais e valores para as crianças, isso pode ser verificado em tais trechos:

¹⁵ (apud., Penteadó, 1997, p.216)

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de pensar, agir e o universo de valores e comportamento de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí pode estabelecer relações com sua forma de pensar e ao modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de Educação Infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes em que freqüentam, uma vez que essas histórias constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas de cultura de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (p. 143) ¹⁶

Nesse documento que se propõe a orientar as profissionais de educação infantil, o contar histórias e a leitura de histórias não aparecem como momentos prazerosos, momentos lúdicos, que alimentam o imaginário e a curiosidade infantil.

Os momentos de escutar história pode ser um rico momento de conhecimento de outras culturas, de conhecimento do mundo que ela não conhece, de contato com a cultura escrita, porém esses não devem ser os únicos objetivos, que leva um profissional que trabalha com as crianças pequenas, a contar uma história.

¹⁶ Grifos meus

O documento prioriza também a escrita, assim os momento de ouvir uma história se torna um momento de entrar no mundo da escrita; portanto, esquece do prazer do ato de ouvir histórias, das curiosidades e do imaginário.

A aquisição da linguagem escrita não pode ser o principal objetivo das histórias e do contato com a literatura. Observa-se a grande preocupação com a aquisição da linguagem escrita trazida por tal documento através desse trecho:

A criança que não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura.

É de grande importância o acesso por meio da leitura pelo professor, há diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Comunicar práticas de leitura permite colocar as crianças no papel de "leituras" que podem relacionar a linguagem com os textos, os gêneros e os portadores sobre os quais eles se apresentam: livros, bilhetes, revistas, cartas, jornais etc.

As poesias, parlendas, trava línguas, os jogos de palavras, memorizados e repetidos, possibilitam às crianças atentarem não só aos conteúdos, mas também a forma, aos aspectos sonoros da linguagem, como ritmo e rimas, além das questões culturais e afetivas envolvidas. (MEC, 1998, p.137)

O “Currículo em Construção” é um documento elaborado pelos professores da rede Municipal de Educação Infantil, esse ao contrário dos Referencias, não é dividido em áreas de conhecimento, por isso não fala especificamente sobre o contar histórias, porém ao falar sobre a política de Educação Infantil, que valoriza a criança e seu direito ao brincar, ao criar, ao direito de produzir cultura e inclui o contato com a literatura, acesso aos livros e histórias.

Os educadores têm como tarefa organizar e planejar o espaço do brincar e ao fazê-lo devem levar em consideração não só a quantidade de recursos materiais e espaços disponíveis, mas sobre tudo o interesse das crianças.

A construção de espaços criativos, coletivos e diferenciados, como a cozinha, a casinha, a biblioteca, o mercadinho, a loja, a praia, ateliês de pintura, etc. e a construção de cantos de fantoches, jogos, brinquedos, fantasias e outros, se constituem uma alternativa viável, capaz de diversificar as possibilidades para o brincar.

Quanto mais espaços estiverem sendo ativados, maiores chances as crianças estarão tendo para desenvolver a linguagem, o “mundo do faz-de-conta”, a socialização, a autonomia. (Currículo em construção, 1998, p.70)

Nota-se dessa forma que o “Currículo em construção” também falando de linguagem, inclui a biblioteca, os fantoches, ou seja, os livros, as histórias, em um outro

contexto, o contexto da fantasia, do brincar, do prazer; e não o contexto da escrita. Com certeza a criança também estará em contato com a escrita, porém o objetivo principal não é a escrita e sim, o brincar, a fantasia, a curiosidade e a sua cultura.

Outro documento, já citado anteriormente, porém vale destacar novamente faz referência ao direito das crianças às histórias através de momentos lúdicos, que são os “Os Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”

“- Nossas crianças têm a oportunidade de ouvir músicas e assistir teatros de fantoches”.

“- Nossas crianças têm direito a ouvir e contar histórias”.

“- Nossas crianças tem livre acesso a livros de histórias , mesmo quando ainda não sabem ler”

(MEC, Campos, e Rosemberg, 1995, p.19)

Os três documentos discutidos falam sobre a importância das histórias na Educação Infantil, os professores sabem dessa importância e contam histórias sempre.

Na entrevista realizada todos dizem contar histórias frequentemente ou diariamente e fazem isso porque gostam de contar, de ler, porque as crianças gostam muito, consideram importante para o imaginário, para inserir as crianças no mundo da escrita, para que as crianças se interessem pela leitura, pelos livros, para criar um hábito de leitura desde pequeno, para trabalhar certos conhecimentos, para desvendar o mundo, entre outros. Todos consideram essencial para a Educação infantil.

Ao perguntar as entrevistadas: “Você conta história com frequência? Por quê?” Três delas responderam contar histórias frequentemente porque gostam de ler, porque

gostam de contar histórias e assim, fazem isso com grande prazer. Já quinta questão, que referia especificamente ao gosto pessoal em relação ao contar história todas as entrevistadas disseram gostar muito e revelam gostar também de ouvir histórias.

Esses dados mostram que contar histórias é algo prazeroso também para quem conta também, nesse caso, o ato de contar não é apenas algo obrigatório, mas também é feito porque se gosta de fazer. *“...Contar histórias é uma arte...E tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, é por isso não é nem remotamente declamação ou teatro...”* (Abramovich, 1997, p.18).

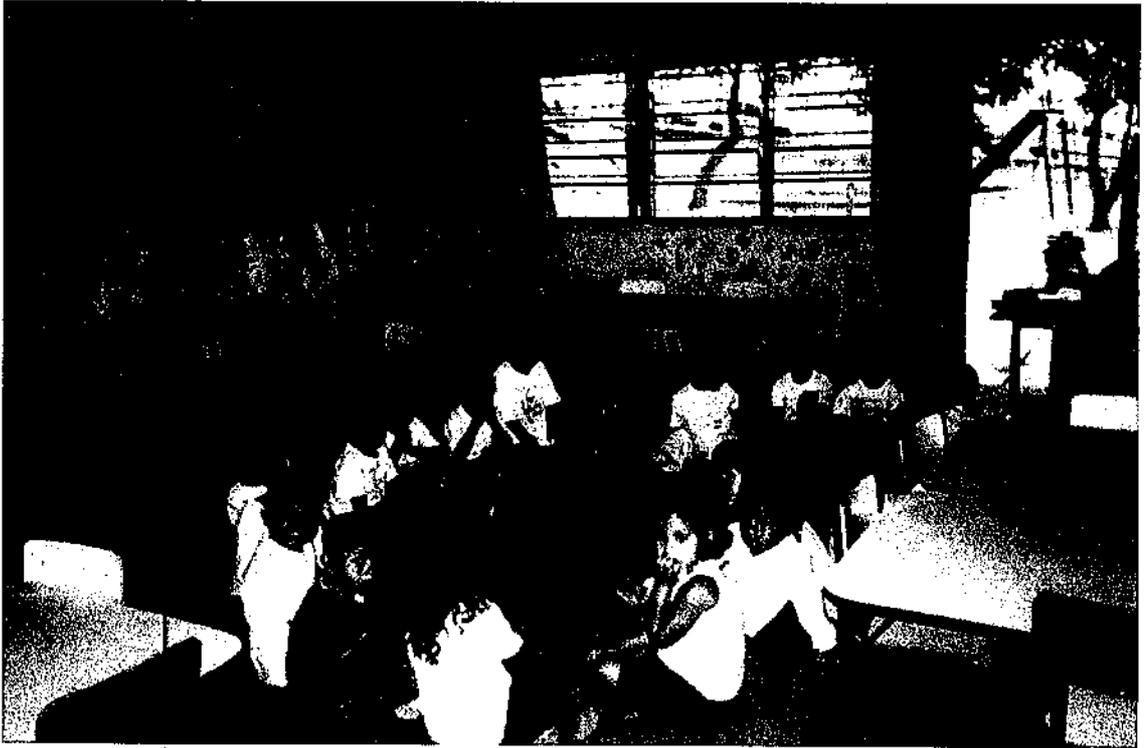
Abramovich diz que os momentos de contar histórias e de ler uma história devem ser divertidos também para aquele que conta e lê, para aquele que ouve possa ouvir com encantamento.

“Ler histórias para crianças, sempre, sempre... é poder sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...”. (op. cit p.17).

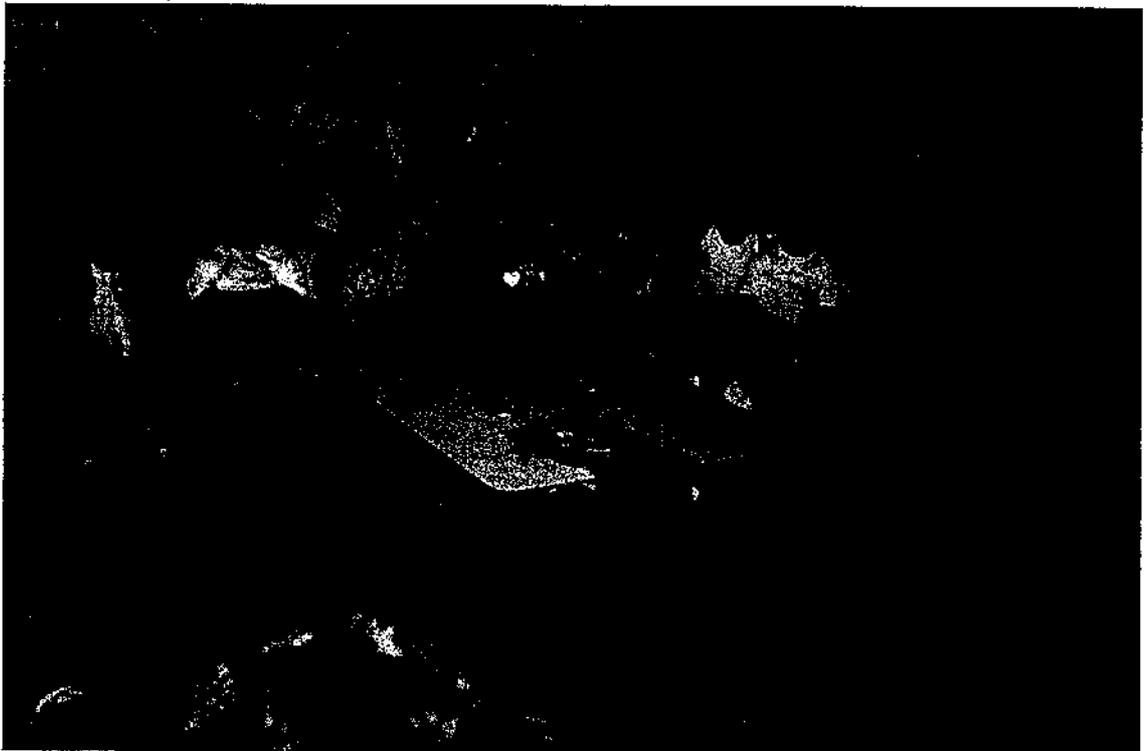
Todas as entrevistadas disseram que às vezes preparam um ambiente mais especial e diferente para a contação, mas na maioria das vezes contam com as crianças sentadas no chão, às vezes em roda, às vezes em forma de platéia.

Essas fotos mostram alguns desses momentos:

A Roda – um momento para contar histórias.



Ouvindo História – a platéia ouve uma história contada por uma criança



Foi perguntado às professoras é feito algum trabalho específico após contar histórias, a maioria disse que às vezes faz algum trabalho, desenho, dependendo daquilo que se está trabalhando com as crianças, mas a maioria das vezes, não. Algumas disseram conversar com as crianças sobre a história.

Isso mostra que as histórias são contadas pela importância delas mesmas, pelo prazer, pelo lúdico, pelos sentidos possíveis de serem construídos com a leitura, não são cobradas atividades escolares, o que poderia tornar esse momento desprazeroso e desinteressante para as crianças.

As professoras revelam que as crianças gostam de ouvir histórias e participam, dão palpites sobre os personagens, sobre a sequência da história, sobre o final. Malu falou o mesmo, sobre a participação das crianças em sua entrevista, ela diz gostar muito desse momento, pois a forma de envolvimento das crianças é mostrada pelo próprio interesse e atenção que elas manifestam. Ela diz que as crianças são mais participativas que os adultos. Esse trecho da entrevista mostra isso:

... As crianças são mais participativas, quando eu conto história mesmo sozinha as crianças sempre fazem interferências, comentam, dão palpites.

Táciana: Mais que os adultos?

Malu: Mais que os adultos. Os adultos ficam muito quietos. Ouvindo quietinhos. Enquanto as crianças no meio do caminho elas interferem...

"Ah mata essa bruxa, porque não mata", elas têm uma reação mais assim... E eu adoro essa participação das crianças, porque eu sinto assim, se eu estou contando história e uma criança me interrompe pra fazer algum comentário, é porque ela tá prestando atenção e tá mexendo com ela de alguma forma, aí eu paro, escuto o que ela tá falando, faço algum

comentário rápido e retomo a história porque eu não deixo sem resposta e nem corto a participação dela, eu acho importante deixar a criança se expressar. (Entrevista realizada em Março de 2004)

Quando as crianças participam, dão palpites elas estão imaginando. Quanto à imaginação, todas as entrevistadas concordam que as histórias colaboram com o imaginário das crianças e consideram isso importante. As entrevistadas acreditam que as histórias colaboram com o desenvolvimento da criatividade, com o sonho, proporciona a oportunidade de cada um imaginar de uma maneira diferente os personagens, o cenário e tudo isso é muito rico para a vida das crianças.

Os dados apresentados mostram que as professoras conhecem a importância da história e da imaginação. Elas usam também as histórias como uma forma de “passar alguma mensagem”, “algum conhecimento”, mas isso não é a prioridade. Nota-se que todas reconhecem as histórias como uma forma de possibilitar o imaginário e contam história por contar, pelo prazer da história, pelo que a história proporciona, pela importância que a história têm, assim transformam os momentos de histórias em um momento lúdico e prazeroso.

9 - Considerações Finais

“É gozado. Há feministas e machistas, há ecologistas e comunistas, há socialistas e nacionalistas, há capitalistas e outros. Só não há criancistas, que é muito importante. Mas para isto acontecer, é preciso que as crianças ao crescer, se lembrem do que é ser uma criança, que todos acham que é boba, burra e fraca, que não entra em cinema, não pode ver o avô e outros parentes no hospital

Essa é a criança de hoje.

Talvez isso mude depois.”

Paulo, 11 anos.¹⁷

Considerando os dados discutidos durante todo trabalho nota-se que as histórias estão presentes nas creches e pré-escolas e que o ato de contar histórias é freqüente.

Garantir a riqueza da vivência narrativa nas creches e pré-escolas contribui para o desenvolvimento de pensamento lógico das crianças e também de sua imaginação. (Girardello, 2003)

¹⁷ Fragmento de redação publicado na folha de São Paulo, 30/05/1985, p.27 apud Marcellino, 1990, p. 53)

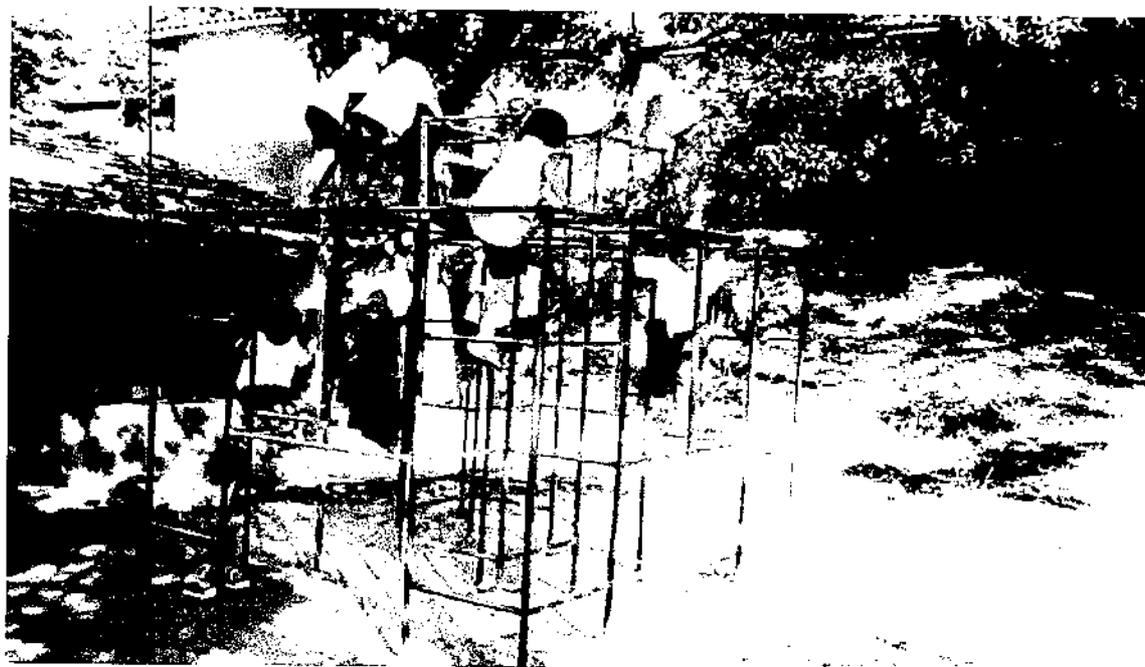
Através de Girardello, e de outros autores já discutidos ao longo desse trabalho e dos dados coletados, o trabalho mostra que as histórias alimentam o imaginário, despertam a criatividade, a curiosidade e a fantasia infantil.

Discutiu-se como se dá a imaginação e que ela depende das experiências vividas e do meio em que a criança vive. Por isso é importante, que as creches e pré-escolas estimulem a imaginação e que as professoras em seu cotidiano preparem o espaço e o tempo permitindo a sua manifestação.

O imaginário é manifestado através do brincar, do faz de conta, da linguagem, das histórias, das descobertas que faz em seu dia-a-dia e outros. Na Cemei pesquisada essas relações estão presentes, isso foi provado pela observação realizada e pelo registro em diário de campo, pois as crianças sempre estão em contato com as brincadeiras, com o faz-de-conta, com as histórias, com livros, com a música, com a dança, com brincadeiras de roda, movimentando o corpo. Alguns desses momentos foram registrados através e fotos.

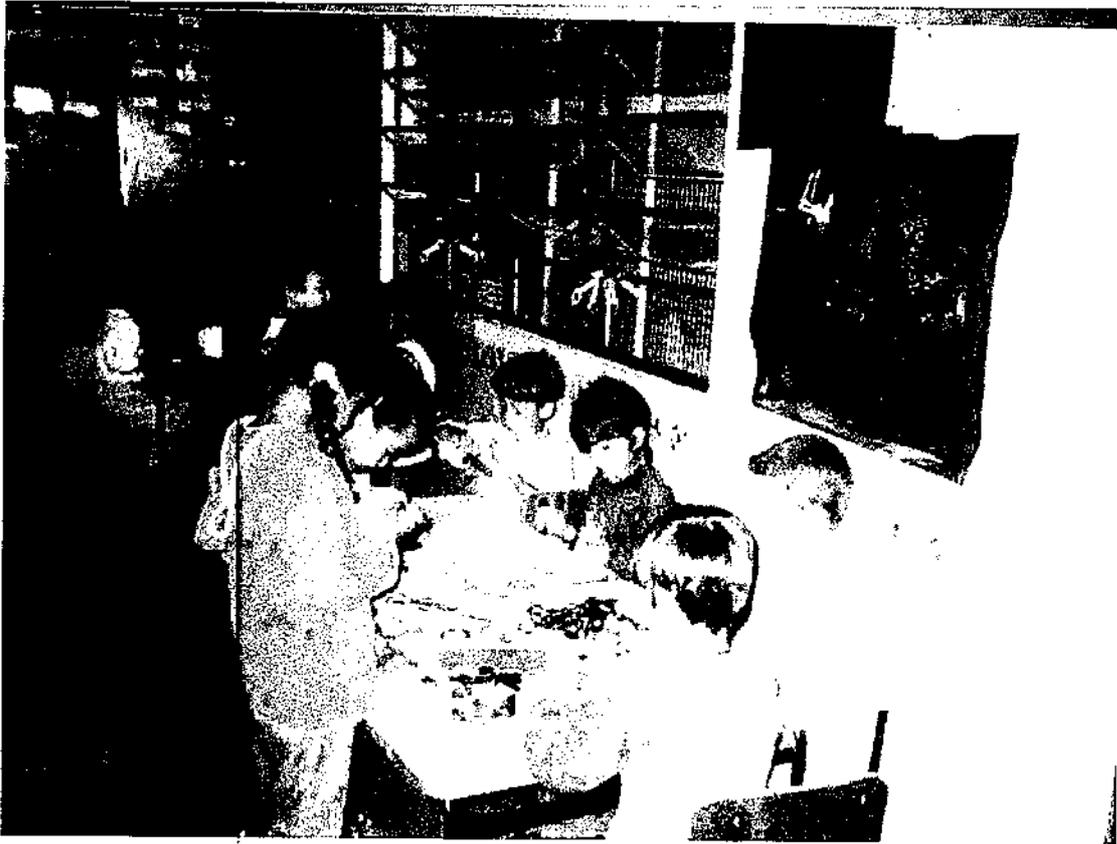
Veja como estas fotos mostram as relações de imaginário que ocorrem na Cemei. As fotos aqui são uma narrativa das crianças brincando, em que o imaginário está presente.

O Parque – espaço onde a brincadeira é livre e há interação entre as idades.



O Brincar – momento de faz de conta. Mesas e cadeiras são parte da brincadeira.

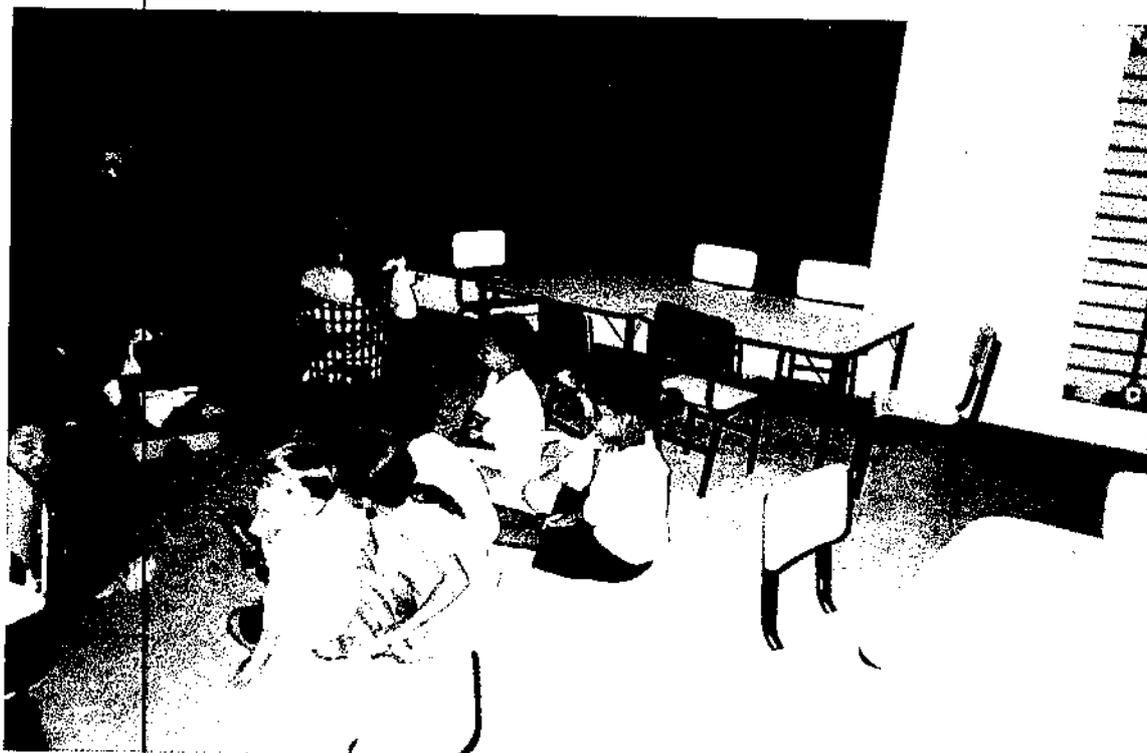




Imaginação e Fantasia – crianças fantasiadas interagindo entre si.



Fantoches – momento de contar história e divertir-se com os personagens.



Nota-se a presença do faz-de-conta, da imaginação e fantasia em vários momentos e diversas atividades do cotidiano.

Sabe-se que a imaginação é essencial para a criação, para tudo que se pretende criar. A criação é importante para as descobertas científicas, para as produções artísticas e para descoberta do conhecimento. Então se nota que nessa pré-escola se dá importância à imaginação.

O ato de ouvir uma história permite a manifestação do imaginário e por isso as professoras que contam histórias para as crianças com frequência, contribuem para a manifestação desse.

...a professora que senta junto as crianças para contar uma história está se dispondo a uma interação que vai muito além do plano verbal.

A criança que começa a balbuciar as primeiras palavras, quando ouve uma história, não dissocia o conteúdo lingüístico da expressão vocal e corporal da pessoa que narra. O desafio de descobrir o sentido das palavras é pleno de prazer para as crianças, como bem sabemos. Parte desse prazer está em associar ludicamente o som das palavras à sua articulação oral...

(Girardello, 2003)

Girardello (op cit) como os demais autores discutidos ao longo do trabalho demonstram o quanto as histórias contribuem com momentos os lúdicos e prazerosos e esses momentos são riquíssimos nas instituições de Educação Infantil. Tudo o que feito

pelo prazer e pelo lúdico desperta o interesse das crianças e tudo o que é feito com interesse tem um grande valor.

Os conhecimentos adquiridos sem o verdadeiro interesse da criança , sem que ela se sinta apaixonada, não deixam traços duráveis, ao contrário daqueles em que a criança se empenha com interesse e paixão. (Lobato, 1956, apud Penteado, 1997, p.159)

E como foi observado pelos episódios relatados, as crianças gostam de ouvir histórias, se divertem, ouvem com interesse e por isso esses momentos são tão ricos.

Edwards (1999) quando fala do papel do professor em Reggio Emilia diz:

Os professores prestam atenção, constantemente, à atividade das crianças. Acreditam que quando as crianças trabalham em um projeto de interesse para elas, encontrarão naturalmente problemas e questões que desejarão investigar. O papel dos professores é ajudá-las a descobrir seus próprios problemas e questões. (p.164)

As profissionais da Educação Infantil que acreditam na criança, naquilo que ela é capaz de fazer, mesmo sem o adulto, dão a oportunidade para que elas sejam valorizadas. O professor prepara o tempo e o espaço e dá apoio àquilo que as crianças querem e têm o interesse de realizar. Pois as crianças são sujeitas de direito, portadoras de história e produtora de cultura e isso todo profissional e todo estudante que pretende trabalhar com educação infantil têm o direito de conhecer, colocando em prática em seu dia-a-dia.

A criança tem o direito à brincadeira, ao divertimento, aos cuidados necessários, a uma educação com profissionais bem orientados e com formação, tem o direito a expressar suas necessidades e ser atendida com qualidade. Tem direito a expressar seu imaginário, ter respondido suas curiosidades, ter contato com o mundo da fantasia e ouvir histórias.

Isso é garantido por lei a todas as crianças de zero a seis anos, cujos pais optem por educá-las em espaços coletivos, as creches e as pré-escolas. Por isso os pedagogos que trabalham em tais espaços poderão lutar para garantir tais direitos.

Segundo Faria (2003) todas as crianças e família têm direito à educação fora de casa em espaços coletivos que garantam os direitos da infância. A educação infantil não é escolarização, mas sim educação e cuidado.

Uma pedagogia da Educação Infantil que garanta o direito à infância e o direito a melhores condições de vida para todas as crianças (pobres e ricas, brancas, negras e indígenas, meninos e meninas, estrangeiras e brasileiras, portadoras de necessidades especiais etc) deve necessariamente, mediante nossa diversidade cultural e, portanto a organização do espaço, contemplar a gama de interesses da sociedade, das famílias e prioritariamente das crianças atendendo às especificidades de cada demanda a fim de possibilitar identidade cultural e sentimento de pertencimento.

(Faria, op. cit, p.69)

Para que a educação infantil atenda aos direitos de todas as crianças é necessário ter profissionais qualificados, que estão sempre abertos a estudar, pesquisar e refletir

sobre sua prática. E as pesquisas sobre educação infantil vem crescendo cada vez mais, o que permite que os profissionais sejam cada vez mais qualificados.

Sabe-se que todos os aspectos que envolve a história podem despertar o imaginário como: quem conta, onde conta, para quem conta, porque se conta, onde, os tons de voz, os gestos, os olhares, os sons e os instrumentos quando são usados. Nessa pesquisa, a análise dos episódios ficou restrita ao imaginário expressado diante do conteúdo das histórias. Assim fica como sugestão do segundo leitor, um estudo mais detalhado dessas outras formas de expressão do contar histórias que manifestam a imaginação também.

Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e Ação no Magistério).

APOLINÁRIO, Daniele. **Pirlimpimpim :por onde perpassa o imaginário na Educação Infantil?** Campinas, SP: TCC, 2001.

ASANO, Andréa Itsuko. **O Imaginário na Educação Infantil: Um estudo de uma Pré-escola de Cultura Japonesa**. Campinas, SP: TCC, 2001.

CAMPOS, Maria M e ROSEMBERG Fulvia. **Critérios para atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais da criança**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995.

CERISARA, Ana Beatriz. De como o Papai de Céu, o Coelho da Páscoa e os anjos foram viver juntos no Céu. In KISHIMOTO, Tizuko M (org). **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneiros, 1998, p.123-128.

_____. **Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002

CRUZ, Maria Nazaré da. **Imaginação, conhecimento e linguagem: uma análise de suas relações numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano**. Campinas/SP Tese de Doutorado, 2002.

DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; Infância, Pesquisa e relatos orais. In FARIA Ana Lucia Goulart de; DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patricia Dias; (orgs): **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisas com crianças**. Campinas, SP; Autores Associados, 2002.

EDWARDS, Carolyn; **As Cem Linguagens da Criança: Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Trad: Dsayse Batista. Porto Alegre: Editora Artes Medicas Sul Ltda. 1999

FARIA, Ana Lucia Goulart; **O espaço Físico como um dos Elementos Fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil.** In FARIA, Ana Lucia: Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e desafios – 4 edição. Campinas – SP: Autores Associados – FE/Unicamp; São Carlos, SP, 2003

↳ FERREIRA, Sueli; **Imaginação e linguagem no desenho da criança.** 3ª edição
Campinas – SP: Papyrus, 1998

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.**
15ª edição São Paulo: Paz e Terra, 1996

GIRARDELLO, Gilka Voz, **Presença e Imaginação: A narração de histórias e as crianças pequenas.** Trabalho Apresentado na 26ª Reunião Anual da Anped. GT Educação da crianças de 0 a 6 anos, 2003

GOBBI, Márcia; **Desenho infantil e oralidade; Instrumento para pesquisa com crianças pequenas.** In: FARIA Ana Lucia Goulart de; DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias; (orgs): **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisas com crianças.** Campinas, SP; Autores Associados, 2002.

_____ **Lápis Vermelho é de mulherzinha; desenho infantil, relações de gênero e educação infantil.** Dissertação de Mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp, 1997.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: As crianças e a literatura fantástica.**
Tradução: Carlos Rizzi. 3ª Edição. São Paulo: Summus, 1980.

HUIZINGA, Johan . **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura** tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo Editora da USP, 1971

LEITE, Terezinha de Jesus L. F. **“Fantástico: um dragão nos currículos escolares”.**
Campinas/SP Tese de Mestrado, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli; **Pesquisa em educação: Abordagem Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1996

MARCELLINO, Nelson; Lazer e Infância . O furto do lúdico: Implicações para o processo educativo. **Pedagogia da Animação**, Campinas. Papirus,1990

MEC; **Referencial Nacional para a Educação Infantil.** Secretaria da educação Fundamental. Vol. 3. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998

PENTEADO, J. Roberto Whitaker; **Os Filhos de Lobato: O Imaginário Infantil na Ideologia do Adulto.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunnya Educação, 1997

PRADO, Patrícia Dias; Quer Brincar comigo? Pesquisa brincadeira e educação infantil. In

FARIA Ana Lucia Goulart de; DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias; (orgs): **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisas com crianças.** Campinas, SP; Autores Associados, 2002.

PORTO, Maria do Rosário S. Imaginário e Cultura: escorrências na educação. In: PORTO, Rosária S; TEIXEIRA, M. C. S; SANTOS, M. F; BANDEIRA, M.L (orgs) **Tessituras do Imaginário: Cultura e Educação.** Cuiabá: Edunic/ CICE/ FEUSP, 2000. p. 17-28.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

QUADROS, Daniela Maria Dias; **Músicas Infantis na Pré-escola: algumas Notas.** Campinas, SP TCC: 2003

RABITTI, Giordana; **A Procura da Dimensão Perdida: Uma escola da Infância de Reggio Emilia.** Trad: Alba Olmi, Porto Alegre. Editora Artes medicas Sul, 1999

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. Tradução: Valter Lellis Siqueira; São Paulo : Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Joel Rufino. **O Curumim que virou gigante**. 6ª edição. Editora Ática, 1989

SME/Secretária Municipal de Educação; **Currículo em construção**. Coordenadoria de Educação Infantil.: Campinas, SP 1998

SOUZA, Luiz Fernando; **Um palco para o Conto de Fadas: Uma Experiência Teatral com crianças na Educação Infantil**. Rio de Janeiro/ Tese de Mestrado. Abril, 2004

TONUCCI, Francesco; **Com olhos de criança**. Trad: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

VYGOTSKY, L.S. (1987) **Imaginación y el arte en la infancia**. México: Hispânicas (1998) O desenvolvimento psicológico na infância. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad: Jose Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 6ª ed – São Paulo: Martins Fontes, 1998

Anexos

João e Maria

(Sivuca e Chico Buarque)

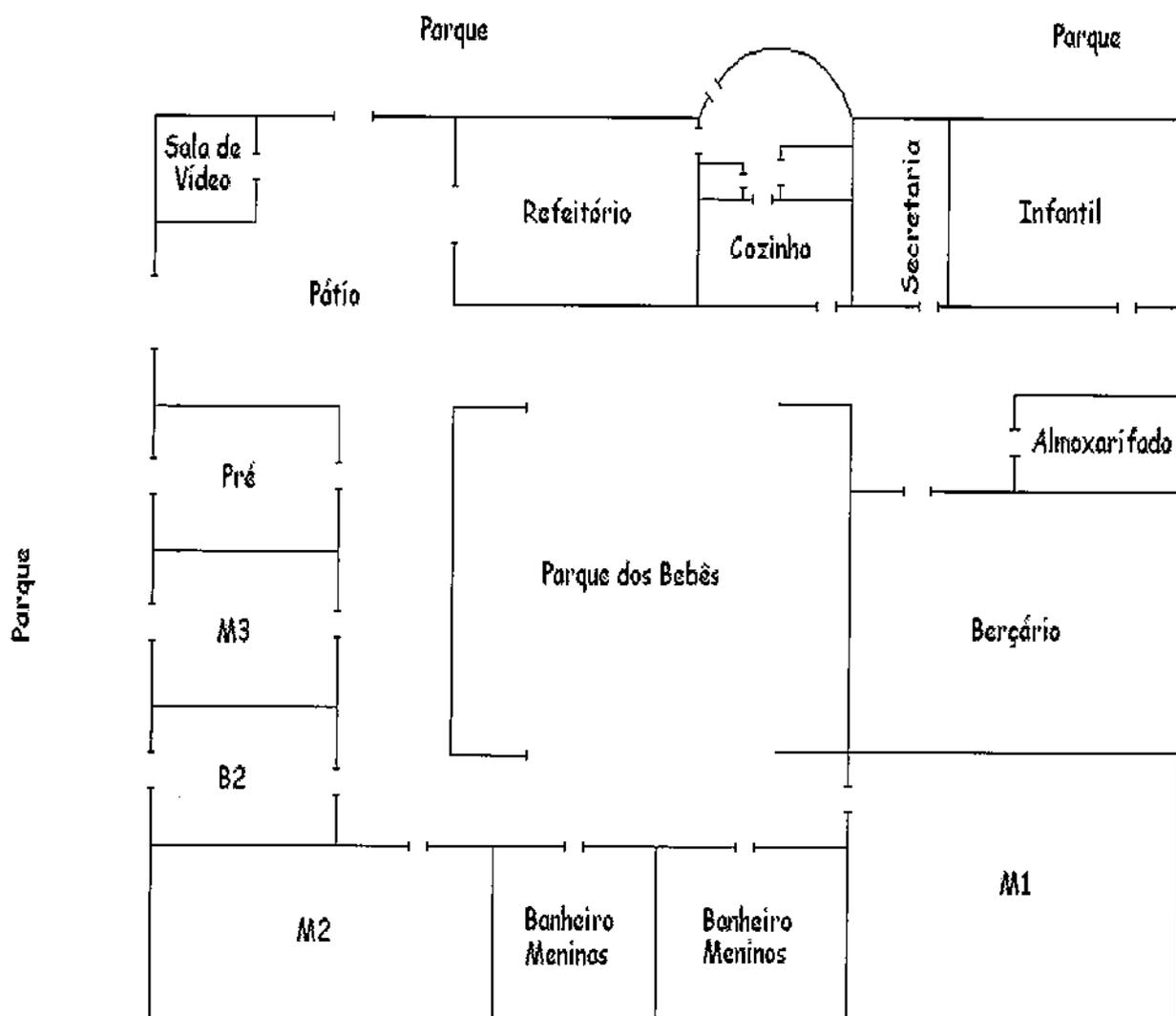
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três.
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigada ser feliz
E você era a princesa
Que eu fiz coroar
Era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim

Pra lá deste quintal
Era ma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a via vai fazer de mim.

Planta da Cemei



Roteiro de entrevista com as professoras

- 1- Você conta história com frequência? Por quê?
- 2- Para você qual a importância de contar histórias?
- 3- Qual a reação das crianças ao ouvir uma história?
- 4- Você prepara o ambiente para as histórias? O que faz? Por quê?
- 5- Você gosta de contar histórias? Acha prazeroso o ato de contar?
- 6- O que é como você trabalha após as histórias?
- 7- Para você as histórias podem contribuir com a imaginação infantil? Você considera isso importante?

Roteiro de entrevista com uma contadora de história

(Malu)

1- Fale o que você considera importante uma pedagoga saber sobre o contar história.

2- Onde você costuma contar histórias e para que público?

3- Quais instrumentos você utiliza?

4- Como costuma ser a reação das crianças?

5- E dos adultos?

6- Como são os personagens das suas histórias?

7- Como você percebe a imaginação das crianças diante dos personagens das histórias?

8- O quê é como você trabalha após as histórias?

9- Para você as histórias podem contribuir com a imaginação infantil? Você considera isso importante?

Transcrição da entrevista com uma contadora de história (Malu)

Taciana: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre o que um pedagogo precisa saber sobre contar história?

Malu: Bom, eu sinto que a prática de contar história é muito eficiente pedagogicamente falando, porque através das histórias a gente pode passar muitas coisas, de uma maneira criativa, de uma maneira lúdica, as histórias se prestam pra isso, né, qualquer assunto cabe uma história, qualquer matéria cabe uma história, né...e tem estudos assim...As histórias passam muitos ensinamentos para a gente. E com criança e criança pequena é uma maneira muito eficiente de passar coisas pra elas e às vezes não de uma maneira muito óbvia, uma história, traz elementos, traz coisas, que fogem do nosso cotidiano, assim você leva uma pessoa para um outro país, com reis, princesas e bruxas e isso ajuda de uma forma mais sutil, eu acho, a história tem esse poder, de passar coisas de uma maneira mais lúdica, a própria fantasia mesmo e eu acho isso muito bom.

Taciana: Você costuma contar histórias onde e para que público?

Malu: Olha, eu tenho três projetos de oficinas, tenho um projeto para criança que é para incentivar a leitura das crianças, e aí normalmente nesse projeto eu faço oficinas para crianças que já estão alfabetizadas, então a partir dos sete anos. Tenho um projeto de oficinas para professores, pedagogos e educadores em geral, que é pra incentivar os professores e educadores a contar mais histórias em seu cotidiano e tenho um projeto de terceira idade que eu adoro, que é pra resgatar as histórias que os idosos contam, isso porque eu tive uma avó que me contava histórias, uma avó contadora de histórias; e aí quando eu comecei a trabalhar com as histórias eu fiquei curiosa em saber que história os avós de hoje contam, né, e aí eu descobri que os idosos gostam mais de contar história de vida, do que os contos tradicionais. E fora isso, eu tenho um grupo de contadores de história, que a gente se apresenta para qualquer público, o grupo chama parangolé de prosa, que sou eu e mais três adolescentes um deles o meu filho, e tem mais dois amigos deles.

Taciana: Vocês se apresentam em escolas?

Malu: Em escolas, entidades, aqui na Unicamp a gente se apresentou no Cole, eu fiz uma participação na mesa redonda da Ana Lucia e fiz uma apresentação do grupo que chama Parangolé de prosa. E a gente faz muita escola, faz festa.

Taciana: E qual a reação das crianças quando vocês se apresentam?

Malu: Então, quando...eu montei o Parangolé porque eu as vezes eu era convidada pra contar história para um grupo muito grande de pessoas né, assim congressos, eventos e aí eu contar sozinha é diferente do que eu contar com eles, é mais engraçado, tem bolha de sabão, tem instrumentos, tem som, o Parangolé faz mais ou menos que nem novela de radio, os meninos fazem a sonorização, eu conto história e eles fazem...tem som da parte musical e tem barulhos, sabe, bengala...É mais interessante. As crianças são mais participativas, quando eu conto história mesmo sozinha as crianças sempre fazem interferências, comentam, dão palpites.

Taciana: Mais que os adultos?

Malu: Mais que os adultos. Os adultos ficam muito quietos. Ouvindo quietinhos. Enquanto as crianças no meio do caminho elas interferem.

Taciana: Elas fazem perguntas?

Malu: É... "Ah mata essa bruxa, porque não mata", elas têm uma reação mais assim... E eu adoro essa participação das crianças, porque eu sinto assim, se eu estou contando história e uma criança me interrompe pra fazer algum comentário, é porque ela tá prestando atenção e tá mexendo com ela de alguma forma, aí eu paro, escuto o que ela tá falando, faço algum comentário rápido e retomo a história porque eu não deixo sem resposta e nem corto a participação dela, eu acho importante deixar a criança se expressar.

Taciana: Na apresentação com o grupo você usa instrumentos simples, com sons?

Malu: É

Taciana: E como você acha que as histórias podem contribuir com a imaginação infantil?

Malu: Então quando a gente conta uma história você sempre descreve alguma coisa, descreve uma pessoa, essa coisa oral, né, você descreve uma pessoa, descreve roupa, cenário, você descreve um país, uma estação, um tapete mágico, isso faz as crianças imaginarem, eu já tive depoimento de criança, porque assim quando eu dou o curso, eu dou um texto da história, do livro original, sem ilustração, pra incentivar a leitura e as crianças já fizeram depoimentos que gostam de ler os textos sem as imagem porque imaginam mais, o que ela ta lendo, cada um vai imaginar do teu jeito, esse exercício eu acho que é básico, a hora que eu to lendo eu tô levando as pessoas para um outro lugar.

Taciana: Como sou professora da educação Infantil e conto histórias sempre percebo diferença na reação das crianças ao contar uma história e ao ler, pois quando leio eles querem ver as figuras e ficam pedindo a todo momento.

Malu: As pessoas sempre me perguntam se eu sou contra ler, a leitura, porque eu não leio, eu nunca leio, eu conto, depois eu dou o texto, mas eu não leio com o público. Eu não sou contra ler não, eu acho que faz parte ler pra incentivar a leitura, pra trabalhar com a imaginação, vale tudo. Agora eu prefiro, ler quando é com grupo pequenininho, que todo mundo pode ver legal, o livro, que todo mundo tem acesso as imagens, ou quando você ta de noite na cama com seu filho é maravilhoso ficar lendo e vendo as imagens juntos, mas quando é um grupo maior eu acho que contar sem ler é mais eficiente, porque eu fico olhando no rosto das pessoas, no olho, vendo se dá sono ou não, as histórias normalmente dá sono, isso não me incomoda se alguém dorme. Quando alguém dorme, é normal, não é porque a história tá chata, as história faz isso com as pessoa mesmo, relaxa. Até tem uma história engraçada, a pouco tempo atrás eu fiz um trabalho lá no Sesc, , na biblioteca do Sesc, no Bonfim ,em julho do ano passado, aos sábados a tarde, lá tinha um cantinho, com umas almofadas, um tapete e tal. Em um dos sábados chegou um adolescente e “posso ouvir”, “pode”, e ele deitou no chão, em um

tapete e a hora que eu terminei ele estava dormindo e aí uma menininha muito bonitinha, virou pra mim e falou: “Olha como é bom contar história, ele tá dormindo”.

Taciana: Ela relacionou a qualidade da história com o fato do menino dormir.

Malu: E com as professoras eu sempre falo assim, sabe aquele dia, se você não tem o habito, né, eu acho que seria legal criar um hábito de contar história, um momento de contar história, tem professor que contam todo dia, escolhem um momento para isso, se não tem o habito, sabe aquele dia que as crianças estão elétricas, aquele dia que elas estão mais agitadas, conta uma história. A história ajuda a relaxar. Eu sempre falo muda um pouquinho o visual da sua sala, faz uma roda, puxa as cadeiras, Põe às crianças tudo no chão, vai embaixo de uma árvore, escolhe um canto mais aconchegante, mais gostosinho e conta uma história que relaxa as crianças, tira aquela euforia.

Taciana: Tem um episódio que eu coloquei no meu trabalho que relata uma situação assim, a professora não conseguia entregar os cadernos de recado, porque as crianças estavam bastante agitadas, quando de repente ela começou a inventar uma história, incluindo o nome das crianças e em poucos segundos todos ficaram muito quietos e atentos. Ela conseguiu entregar todos os cadernos. E quando a história terminou, uma criança levantou a mão e pediu, professora conta de novo. Nesse momento não tinha como contar de novo. Mas é interessante notar o como as crianças prestam atenção.

Malu: Eu estou lendo agora, terminando de reler agora, porque já tinha lido antes e esta leitura foi bem mais proveitosa, aquele “Psicanálise dos contos de fadas”, esse livro é interessante de você ler, como bibliografia mesmo, ele traz, ela faz umas análises dessa parte psicológica, que é contar história, o que são essas história na cabeça das crianças, e ele fala que para crianças pequenas é muito bom você contar os contos tradicionais, com alguns cuidados porque tem várias versões os contos tradicionais, então ele dá algumas dicas de qual é a melhor versão, de porque uma versão é melhor que outra, ele dá todas as dicas, melhor pegar a versão francesa, porque tem detalhes que trabalha tal coisa e ele fala que as crianças pequenas as vezes pedem pra você contar a mesma história quinhentas mil vezes, ele fala aí você tem que contar quinhentas mil vezes, enquanto ela tá te pedindo pra repetir é porque ela tá trabalhando alguma coisa nessa história, ela só vai mudar de história quando ela trabalha, isso psicologicamente, né,

algumas questões que a gente não sabe e não precisa saber também, não é uma coisa de análise psicológica, quer que eu conte quinhentos mil vezes, vou contar, chega num momento que ela fala conta outra ou que você conta outra e ela fica na outra. E ele fala da importância da diversidade, de você apresentar uma diversidade grande de histórias, cada história trabalha um aspecto, uma questão, e aí você conta vários tipos, você trabalha varias coisas...

Taciana: quais tipos ele se refere? Aos contos, fábulas, lendas...

Malu: Ele se refere especificamente ao conto de fadas, pra crianças pequenas, que eles são suficientes pra trabalhar um monte de questões inconscientes e pro futuro das crianças. Agora eu sinto, que não só os contos de fadas adoram mitologia, a gente tem o folclore brasileiro muito rico de personagens, a gente tem personagens fantástico no nosso folclore.

Taciana: As crianças adoram o saci...

Malu: A mula-sem-cabeça, a Iara, o Curupira, aquela do Sitio, como chama mesmo... a Cuca que é um jacaré-zão.

Taciana: As crianças gostam muito. Eles assistem o Sitio de manhã e fazem a imagem que a Globo transmitem, quando a gente conta história atrapalha o imaginário.

Malu: E a globo é terrível nesse ponto, eu não vejo, mas já vi alguns pedaços e senti assim... A Emília da Globo é muito ruim, a índole dela, porque se você for ver a Emilia do Monteiro Lobato, ela era uma menina danada, uma boneca que virou gente, que fazia algumas maldades, mas não era esse tipo de maldade que a Emilia da Globo passa. Tem uma coisa de desrespeito muito grande da Emilia da Globo. A Emilia do Monteiro Lobato era muito inteligente, ela fazia maldades, mas, por exemplo, uma das maldades que fazia com a Tia Anastácia, porque ela fazia um monte de maldade com a Tia Anastácia, quando ela escuta a história do Peter Pan, que corta a sombra, a Emilia corta a sombra da tia Anastácia, corta o braço, e a tia Anastácia "Cadê meu braço", mas não era o braço, era o braço da sombra. Então ela faz esse tipo de maldade que é engraçado. Depois alguém vai lá e costura.

Pausa: uma pessoa entra na sala.

Malu: continua: A Emilia, eu vi uma cena, assim dela, fala umas coisas bem desrespeitosas.

Taciana: representa um pouco do dia de hoje.

Malu: eu sinto que a Globo faz um pouco disso, eu não assisti muito essa versão nova, quando eu estava na Feac, eu trabalhei quatro anos na Feac, as professoras que assistiam, nas escolas todo mundo assistia, tem escola que até grava para assistir depois. Ela me contou que a Tia Anastácia tem Microondas, a Dona Benta tem Computador, são adaptações que são feitas para as crianças de agora se interessarem, né, então são técnicas, estratégias que eles usam para conseguir audiência. Mas aí eu acho que o professor tem que fazer esse percurso com as crianças, com o texto original, sempre com um senso crítico, eu acho assim, você escolheu um repertório você tem que saber o que você quer passar para as crianças, que valores você quer passar, que, que. às vezes eu até conto uma história que tem valores menores que é pra desprezar, mas tem que falar deles, pra você identificar uma atitude que não é boa, uma coisa que não é boa, né, fala do mal, também.

Pausa: uma pessoa entra na sala.

Taciana: Como são os personagens da suas histórias.

Malu: Eu não tenho uma história, eu não invento história, eu conto histórias que já existem. Eu conto histórias do mundo inteiro. Então são de tudo, eu adoro contos de fada, mitologia, folclore, né. Então assim tem de tudo, bruxas, princesas.

Taciana: Então são os personagens da literatura?

Malu: Da literatura

Taciana: E depois das histórias o que você costuma fazer?

Malu: Isso você fala do grupo ou das oficinas?

Taciana: é dos dois

Malu: Então quando eu dou oficina, eu normalmente conto uma história, faço uma atividade plástica, com alguma coisa que tem a haver com a história e depois dou o texto,

original da onde eu tirei, com as informações bibliográficas, e tal. Porque a minha idéia, é fazer um trabalho com literatura, incentivar a pesquisa dos professores e dar material pra eles pesquisarem, dar bibliografia, nome do autor, da editora, pra pessoas pesquisarem, e essa atividade plástica eu acho que ela completa a história que eu conto. Por exemplo, quando eu conto a história do cupido, Cupido e Psique, eu queria contar uma história de um mito que fosse popular, que fosse conhecido, o Cupido qualquer criança sabe, adulto sabe, velhos sabem, cúpido é o Deus do Amor que tinha flechinha que flechava dois corações e se apaixonavam, tanto pelos deuses como dos humanos, né. E aí fui pesquisar, pesquisar não a história do cupido, mas a história do amor do cupido, será que sendo o Deus do amor nunca se apaixonou por alguém, por uma moça, por uma Deusa. Nessa história Cupido e Psique, eu também fico muito impressionada com isso ela foi escrita no ano dois depois de Cristo, quer dizer uma das versões que a gente tem, que é assim tem uma versão mais antiga que é a Grega, que é Eros e Psique, no ano dois depois de Cristo, Apuleio que é um autor Romano reescreveu como Cupido e Psique e a mesma história. E a gente dela fala dela até hoje e a gente conta ela, ela tem que ter algum valor, pra mim isso é prova de que essa história tem algum valor porque a gente conta ela até hoje, a fala delas, a gente lê, a gente tem acesso a elas. E aí quando eu vou fazer atividade plástica, eu já com as crianças, por exemplo, e a mesma atividade dou para os adultos professores, porque quando o professor faz atividade plástica comigo repetem na escola o que fizeram e é legal, o professor testarem as atividades antes de dar para as crianças, a atividade plástica, porque aí se alguém tiver alguém problema eles resolvem antes de trabalhar com as crianças. Quando eu faço a história do Cupido e da psique, eu dou papel de seda e as meninas quando é grupo misto, os meninos fazem arco e flecha e as meninas fazem borboleta, de papel de seda. Isso que eu descobrir que Psique, a palavra psique significa alma, na psicologia, então assim,

psicologia estuda alma, e vem da...A palavra psicologia vem da psique, duto da psique. E a alma é representada plasticamente como borboleta. A borboleta é o símbolo da alma. É o símbolo plástico. Então as meninas fazem a borboletas e os meninos fazem arco e flecha. Uma vez eu dei uma oficina no Bosque dos Italianos, ali´sas eu estou dando uma oficina para os professor pela prefeitura lá no Bosque dos Italianos aos sábados, se você quiser ir algum sábado.

Taciana: Gostaria muito. Pode participar, qualquer sábado, é só ir ate lá?

Malu: É

Taciana: E que horas?

Malu: Das 9:00 as 11:30. Eu vou tá lá todo sábado. É de quinze em quinze dias, são dois grupos com encontros quinzenais. Eu vou repetir, nesse sábado uma história no outro sábado a mesma história. E então eu fiz assim, quando eu fiz com as crianças, a hora que a gente terminou, as crianças brincam de arco e flecha e as meninas de borboleta. Então as meninas todas viram psique e os meninos todos viram cupido. E esse trabalho ele, eu acho que ele fecha a “contação”. Então eu contei a história do cupido e psique, eles fazem a borboleta, às vezes eu faço antes, o arco e flecha e a borboleta, e aí isso eu faria. Às vezes eu conto a história primeiro e depois faço a atividade e às vezes faço a atividade primeiro e depois conto a história. Então eu acho assim que a atividade plástica ela completa a história que você contou. E é bom, eu acho assim; com os professores eu sempre conto uma história e abro uma conversa.O que você sentiu? O que se passa? Porque tem história que intriga a gente. Porque já teve história assim. Eu só consigo contar história que eu gosto. E não é porque eu gosto do enredo da história. Tem histórias, como por exemplo, da Marina Colafante, que é uma autora que eu gosto e que conta um monte de histórias dela, ela é instigante, ela conta a história de uma moça que vivia sozinha e ela tece ela tinha um tear mágico e aí no fim ela faz um príncipe encantado que só quer que ela faça coisas e mais coisas e aí ela destece o príncipe e a história volta no comecinho, numa casinha pobre que ela morava, e aí ela fica sozinha e foi feliz pra sempre. Vamos pensar então, o que é este príncipe? Ele existe, o príncipe encantado, né? O que é isso? O que a gente pensa no príncipe? Que imagem ou o que você deseja? Como é o desejo da gente de encontrar essa pessoa que

não existe. O príncipe encantado é perfeito. Não existe ninguém perfeito! Então assim, essas histórias que fazem as pessoas refletirem, pensarem, eu acho interessantes também. E as crianças também ficam intrigadas.

Taciana: Tem histórias que você conta, porque eu conto histórias todo dia na roda, no fim da roda. Ou eu conto a história sem livro, ou eu leio, ou coloco a história com som. Depois a gente conversa; quem quer falar sobre a história. Tem dia que todo mundo quer falar, tem dia quem ninguém quer falar. Isso é da própria história, inclusive, há algumas versões de livros, aquelas com coleções baratas que as diretoras adoram comprar porque vem bastante livro por um preço barato. Então as diretoras enchem as bibliotecas com esses livros e a gente fica sem opção tendo que montar nós mesmos comprar e montar o repertório.

Malu: Sabe que nesses últimos anos, quando eu trabalhava na FEAC eu fui há algumas escolas que tinha livros maravilhosos, pois houve algumas campanhas com LEIA BRASIL e essas outras do MEC que doaram muitos livros pras escolas e que às vezes eu sinto, com exceções é claro, que as próprias pessoas que trabalham nas bibliotecas, ou por falta de informação, não permitem que as crianças peguem aqueles livros, que leiam os livros, tendo cuidado com o objeto sem se preocupar com o conteúdo que ele traz, e que bom que ele seja folheado, mesmo que estrague alguma coisa, não tem importância...

Taciana: se ele estragar é porque ele está sendo usado.

Malu: Não esse estrago de riscar, rasgar, o estrago de ler é maravilhoso, né. E as vezes eu sinto que tem essa coisa assim, eu já fui numa escola, por exemplo, que tinha uma biblioteca e uma sala dos professores que tinham livros que não iam pra biblioteca, os livros mais interessantes ficavam lá só para os professores.

Taciana: Na minha escola é mais ou menos assim, deu vários livros Romeu e Julieta, Menina Bonita do Laço e Fita, livros da consciência negra e estes livros estão fechados no armário.

Malu: Eu não tenho solução pra isso, e eu fico pensando que a gente tem que fazer alguma coisa, a gente tinha que conversar mais com os professores, diretores e bibliotecários, eu acho que as crianças têm que ter acesso a uma boa literatura, porque assim por um lado você menospreza a inteligência delas quando você faz isso.

Taciana: Quando você dá um livro sem boa qualidade pra criança, você não vai incentivar a leitura, pelo contrário, vai desincentivar, pois é chato. Já o de boa qualidade vai incentivar.

Malu: eu me lembro do Cole, não sei se você viu, uma italiana, que veio, ela mostrou umas creches no Norte da Itália, que faz um trabalho maravilhoso.

Taciana: É Reggio Emilia, não é?

Malu: E eles têm uma organização espacial nas creches que incentivam as crianças pequenininhas a pegar os livros. Os livros não ficam nas instantes, as instantes é uma madeira inclina com uma ripinha, super simples, e os livros ficam com a capa pra frente e baixinho, né.

Taciana: Na creche que trabalho as instantes, são sapateiras, então os livros ficam expostos com as capas para frente e as crianças emprestam os livros vendo as capas. Devido ao pouco espaço alguns livros ficam no alto, um metro e vinte mais ou mesmo, mas mesmos esses são visualizados e as crianças pedem “eu quero aquele”, apontando.

Malu: legal!

Segundos de silêncio

Taciana: Minhas questões eram essas tem alguma coisa a mais que você gostaria de falar?

A malu diz não ter nada mais a falar, agradeço sua contribuição, retomo a importância dessa contribuição para minha pesquisa.

PARECER T.C.C.

TÍTULO: CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS

ALUNA: TACIANA SACIOTO REAL

DATA: 28-06-2004

O trabalho busca destacar a importância do contar histórias na Educação Infantil de forma lúdica e prazerosa possibilitando a imaginação das crianças, no caso, crianças de 4 a 6 anos, de uma CEMEI, da rede de Campinas.

Para tal, a pesquisadora entrevista uma contadora de histórias, professoras de EI e recupera através de anotações feitas em seu Diário de Campo, alguns episódios que focam o contar histórias.

A pesquisa apresenta um cuidado acadêmico em sua estruturação: apresentação dos objetivos do trabalho, descrição minuciosa dos procedimentos e dos passos desenvolvidos na pesquisa, referências bibliográficas registradas no interior e no final o trabalho de maneira correta, a inclusão de anexos, uma diversificada bibliografia lida e comentada sobre temas fundamentais ao seu trabalho: a importância que é a prática de ouvir/contar histórias para crianças e a conceituação do que seja imaginação e fantasia.

Uma outra qualidade do trabalho refere-se ao capítulo "A importância de se contar histórias" em que a autora nos oferece uma variedade e qualidade de autores escolhidos para acompanhar sua reflexão e sustentar a análise dos episódios coletados.

Também desejo ressaltar como qualidade, os títulos dados aos capítulos, que ora orientam o leitor para o assunto que vem desenvolvido no próprio capítulo, ora tornam-se sugestivos porque interligados aos episódios analisados.

Conhecendo em sua própria prática docente e na teoria, a importância dada pela EI ao "contar histórias", ela analisa em vários episódios, momentos em que a criança revela pela sua voz, pelo seu desenho, pelo seu movimento de corpo, o seu envolvimento com a imaginação, com a fantasia. Cabe, apontar, aqui, a coragem (necessária) da pesquisadora no enfrentamento desta questão. Como podemos perceber, dar visibilidade ao que se passa no interior da criança neste momento do "contar histórias"? Que elos ela estabelece com a fantasia neste momento? Como, com quem, quando e por quê? Dificilíssimo acessar a este processo, esse fenômeno! O que justifica, talvez, tão poucas pesquisas sobre o tema.

Mas, Taciana Real desenvolve em seu trabalho, um esforço de captura desse momento para argumentar a favor da importância que ele constitui na formação da criança.

Ela consegue destacar alguns aspectos reveladores de momentos em que a criança rompe a barreira (se é que ela existe para ela), sai daquilo, que é conhecido, real, concreto para ela e passa a estar em outro mundo que ela, às vezes desconfia de seu funcionamento, às vezes se entrega por inteira. Apresenta momentos em que a criança interage com a fantasia: aquele em confunde-se com um dos personagens da história contada e tem medo do bicho que pode morder; o que passa a desconfiar dos personagens que podem surgir magicamente (*foram para onde?*); o instante em que é embalada pelo contar, pelo som, pelas palavras; ou ainda, o que obedece a uma ordem como um "toque de silêncio" com apenas o início de "era uma vez".

Sem didatizar o "contar histórias", sem usar esta prática "para...", ela vai registrando o envolvimento, este pertencimento que elimina a distância de quem ouve e de quem conta, do que é contado e do que ouvido/vivido, a transformação de uma criança que embora ali,

nos escapa, porque passa a ter medo do que para nós está fora de nós e dela: uma criança que está ali, mas não está mais porque está no mundo da imaginação; que não mais só ouve, mas experencia; que perde a noção do tempo e do que está em sua volta para ficar em silêncio, e querer ouvir tudo de novo.

Apoiada nas entrevistas colhidas com as professoras, Taciana Real ressalta, entre outros aspectos, que o contar história não precisa ter lugar fixo: debaixo de árvores, num canto aconchegante, pode ser em roda, em platéia, mas sempre é e deve ser uma prática prazerosa reafirmada pelo querer ouvir mais, ficar em silêncio, ouvir participando com olhos, palavras, gestos.

Gostaria de registrar uma questão para que possa ser pensada em um outro momento, se houver oportunidade para aprofundamento da pesquisa. Não haveria necessidade nos capítulos referentes à análise dos episódios, considerar que o contar histórias não pode ser reduzido ao conteúdo? Será que este momento de direito a ser garantido a todas as crianças, não se constitui, também do gesto, da voz, do olhar que esta professora ou outra criança manifestam no momento do contar?

Finalizando, quero deixar registrado ainda que a autora fez uma revisão para versão final do trabalho, considerando algumas observações que eu havia colocado em um outro momento. Portanto, considero a pesquisa seriamente cuidada e revista, indicando-a como leitura para outros pesquisadores do tema.



Profª Norma Sandra de Almeida Ferreira
Nota: 10, 0 (dez).

